



Universidade Federal
de São João del-Rei



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTE E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

CAMILA DA SILVA GOMES

**OS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO LESBOFÓBICO NO APARELHO
IDEOLÓGICO DE ESTADO FAMILIAR: ENTRE A REPRODUÇÃO E A
RESISTÊNCIA**

SÃO JOÃO DEL-REI

2022



Universidade Federal
de São João del-Rei



CAMILA DA SILVA GOMES

**OS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO LESBOFÓBICO NO APARELHO
IDEOLÓGICO DE ESTADO FAMILIAR: ENTRE A REPRODUÇÃO E A
RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Discurso e Representação Social

Orientador: Prof. Dr. Edmundo Narracci Gasparini

**SÃO JOÃO DEL-REI
2022**

Camila da Silva Gomes

Os efeitos de sentidos do discurso lesbofóbico no aparelho
ideológico de Estado familiar: entre a reprodução e a
resistência

Banca Examinadora

Prof. Dr. Edmundo Narracci Gasparini – UFSJ
(Presidente/Orientador)



Prof.^a Dr.^a Mônica Graciela Zoppi Fontana– UNICAMP
(Titular Externo)

Prof. Dr. Antônio Luiz Assunção - UFSJ
(Titular Interno)

Prof.^a Dr.^a Nádia Dolores Fernandes Biavati
Coordenadora do PPG em Letras

Agosto de 2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO,
ADMINISTRAÇÃO E CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

Emitido em 11/08/2022

HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 7/2022 - PROMEL (13.20)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 18/08/2022 17:30)

ANTONIO LUIZ ASSUNCAO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
PROMEL (13.20)
Matrícula: 986744

(Assinado digitalmente em 18/08/2022 08:55)

EDMUNDO NARRACCI GASPARINI
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
COLIL (12.81)
Matrícula: 1434816

(Assinado digitalmente em 19/08/2022 11:50)

NADIA DOLORES FERNANDES BIAVATI
COORDENADOR DE CURSO - TITULAR
PROMEL (13.20)
Matrícula: 2141488

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/> informando seu número: **7**, ano: **2022**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **17/08/2022** e o código de verificação: **bb309c2a7c**

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G633e Gomes, Camila da Silva.
Os efeitos de sentido do discurso lesbofóbico no
aparelho ideológico de Estado familiar: : entre a
reprodução e a resistência / Camila da Silva Gomes ;
orientador Edmundo Narracci Gasparini. -- São João
del-Rei, 2022.
88 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Letras) -- Universidade Federal de São João del-Rei,
2022.

1. Análise do Discurso. 2. Lesbofobia. 3.
Aparelho Ideológico de Estado Familiar. 4. Família. I.
Narracci Gasparini, Edmundo , orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Este é, certamente, um trabalho de dissertação construído por muitas mãos. Eu mesma sou outra desde que iniciei o processo que envolve esta pesquisa. Dessa forma, registro minha gratidão a todos que estão, de alguma forma, entre as letras e os silêncios aqui presentes. Escolhi, no corpo do texto, a primeira pessoa do plural para marcar que este trabalho não é só meu, para atestar que não estive só e que os vícios e virtudes deixados nele são compartilhados e compartilháveis.

Em *A flor e a náusea*, de Drummond, o eu-lírico descreve a flor como: “feia”, mas “uma verdadeira flor” que “furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”. Há asfalto duro, há tédio, há nojo e há ódio, mas brotamos nas rachaduras do chão. Resistimos! Nós, os LGBTQIAP +, furamos asfaltos grossos para estar e para ser. Portanto, esta pesquisa é, sobretudo, nossa!

Agradeço às pessoas que acreditaram na possibilidade deste trabalho, em especial, ao meu orientador, Edmundo, que abraçou esse meu desejo de pesquisa desde o primeiro momento. Edmundo, seu apoio, conhecimento, humildade e abertura irrestrita de diálogo fizeram com que isso se tornasse possível. Muito mais que uma orientação, você me permitiu e me auxiliou na elaboração de um trabalho significativo para mim enquanto pessoa. Muito obrigada!

Agradeço ao professor Antônio Luiz, pela partilha durante as aulas, pelo acolhimento e pela leitura cuidadosa na qualificação. Com você, Toninho, aprendi que nosso texto pode ser um espaço de (r)existência e que a academia é também lugar para confrontarmos as questões que nos atravessam e nos constituem. Obrigada por isso!

Agradeço à professora Mônica Zoppi Fontana pelo aceite em participar da banca e, mais que isso, pelos presentes em forma de textos que nos servem como referência. Mônica, durante uma aula magna na UFSJ em 2019, elaborei uma pergunta em torno da palavra “sapatão”, sua resposta me fez desejar estudar o tema desta pesquisa. Esse é o tamanho da importância de tê-la como membra desta banca. Obrigada por ser referência para tantas pessoas!

Agradeço à professora Nádia Biavati por aceitar, prontamente, fazer parte deste momento como professora suplente. Nádia, você tem um papel fundamental na minha formação. Sou grata pelas trocas nas aulas e pela sabedoria e gentileza que sempre intermediaram sua relação conosco. Obrigada!

Também não poderia deixar de agradecer aos meus pais, Ivanir e João Bosco. Minha força vem de vocês! Obrigada pelos ensinamentos que deram a mim e aos meus irmãos, principalmente, aqueles expostos por meio de ações e que mostram a potência da simplicidade e do amor, este último capaz de superar barreiras. Eu amo vocês!

Agradeço à minha sobrinha, Thalita Maria, minha joaninha. Obrigada por ser a esperança que me faz crer em dias melhores, amor da titia.

Como diz Hilda Hilst na obra *Obscena senhora D.*: “os cães sabem”. Aos meus amigos e amores de quatro patas, que nunca vão acessar esta pesquisa, mas que a fizeram comigo, meus sinceros agradecimentos. Eles sabem mesmo de tudo, os meus cães sabem! Ainda citando Hilda em outra obra: “Que coração nos olhos!” Essa frase resume a grandeza deles para mim!

Aos meus amigos e amores humanos: um colo, um beijo e uma conversa na madrugada são mais potentes que um exército inteiro. Vocês acolhem minhas aflições e brindam minhas alegrias e isso é o suficiente para eu me sentir rica em afeto. Que bom que nossas existências se cruzaram!

Às instituições públicas, especialmente à UFSJ, que apostou nesta pesquisa e me forneceu suporte para executá-la. Que as instituições sobrevivam e cresçam sempre mais, mesmo em tempos de luta como os que vivemos!

Às minhas professoras e professores. Todo respeito à nossa profissão, que merece ser valorizada em todos os âmbitos.

À CAPES, por tornar possível a realização desta pesquisa com o fomento de minha bolsa!

À minha avó, Nilza Aparecida Coelho Rocha (*in memoria*), minha saudade diária, a quem dedico este trabalho e todos os outros. Muito mais que um laço sanguíneo, fomos unidas por nossas afinidades, pelas longas conversas, pelo aconchego na hora de dormir, pela preparação do alimento afetivo e pelo uso da palavra: A senhora foi, é e sempre será a minha inspiração, minha amiga e confidente. A primeira a saber de todas as coisas, a primeira a me abraçar. Te dedico cada conquista, vó!

Encerro meus agradecimentos fazendo uso das palavras de Clarice Lispector, na crônica *As três experiências*: “Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca”.

Mas como eu os amo, meus corajosos iguais, desejo que vocês também percam a coragem. Desejo que lhes falte forças para repetir a norma, que não tenham energia para continuar fabricando identidade, que percam a determinação de continuar acreditando que seus papéis dizem a verdade sobre vocês. E quando tiverem perdido toda a coragem, loucos de covardia, desejo que inventem novos e frágeis usos para seus corpos vulneráveis. É por amá-los que os desejo frágeis e não corajosos. Porque a revolução atua através da fragilidade

(Paul B. Preciado)

GOMES, Camila da Silva. **Os efeitos de sentido do discurso lesbofóbico no aparelho ideológico de Estado familiar:** entre a reprodução e a resistência. 2022. 86p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2022.

RESUMO

Este trabalho de dissertação apresenta uma análise acerca dos efeitos de sentido do discurso lesbofóbico no interior do aparelho ideológico de Estado familiar. Além disso, interessa-nos analisar i. quais as memórias que são evocadas nesse discurso no AIE familiar; ii. quais são as especificidades desse discurso no AIE familiar e iii. quais são as formas de silenciamento e resistência engendradas nele. Para tanto, recorreremos à Análise de Discurso Materialista, utilizando como *corpus* o curta *Sair do Armário* (2018), de Marina Pontes, no qual ela própria grava a reação da mãe ao descobrir sobre sua sexualidade dissidente da heteronormatividade – ou heterossexualidade compulsória. Para além desse material, essa pesquisa também conta com a análise de nove comentários feitos a partir do vídeo *Sair do Armário* e publicados no canal *Kinobox* no *Youtube*, onde o vídeo foi veiculado. Nossa pesquisa nos possibilitou identificar uma disputa de sentidos em torno da sexualidade lésbica no aparelho familiar quando descobre-se ou confirma-se sua ocorrência entre os membros da família. No discurso do sujeito lésbica, essa sexualidade é constitutiva de sua própria existência, para aquele que descobre, é algo distante e não-natural. A homossexualidade das lésbicas é, no discurso, um tabu que, em muitos momentos, não recebe nomeação. A pesquisa também identifica diferentes formas de silenciamento da lésbica na família e como a noção de “armário” está imbricada na regulação desses corpos e na invisibilidade deles para a sociedade de forma geral. Por fim, assumimos a importância de tratar da família como um aparelho ideológico acoplado ao Estado e considerar como a lesbofobia atua como uma das peças de sustentação do sistema capitalista.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Lesbofobia; Aparelho Ideológico de Estado Familiar

GOMES, Camila da Silva. **Os efeitos de sentido do discurso lesbofóbico no aparelho ideológico de Estado familiar:** entre a reprodução e a resistência. 2022. 86 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2022. (INGLÊS)

ABSTRACT

This thesis analyzes the effects of meaning produced within lesbophobic discourse in family conceived as ideological state apparatus. In addition, we aimed at analyzing i. what memories are evoked in this discourse in the family; ii. what are the specificities of this discourse in the familial ideological state apparatus; iii. what are the forms of silencing and resistance produced within this discourse. We were based upon Materialistic Discourse Analysis, and analyzed the short movie *Sair do armário* (coming out of the closet), filmed by Marina Pontes, in which she herself records her mother's reaction when discovering about her daughter's deviant sexuality. The research also analyzes nine comments made about the video and posted in the youtube channel Kinox, where the video was publicized. Our research identified a struggle of meanings concerning the lesbian sexuality in the familial apparatus when lesbian sexually is revealed or confirmed in members of the family. In the discourse of the lesbian subject, this sexuality constitutes the subject's very existence, while in the discourse of the one to whom this is revealed, this sexuality is not considered natural. Lesbian homosexuality is, within discourse, a taboo which is frequently not named as such. The research also identifies different forms of silencing within the family and the close relationship among the notion of "closet", the regulation of bodies and their invisibility in society in general. Lastly, we find it essential to approach family as an ideological apparatus linked to the State and to consider how lesbophobia works as one of the underpinnings of the capitalist system.

Key-words: Discourse Analysis; lesbophobia; Familial Ideological State Apparatus

GOMES, Camila da Silva. **Os efeitos de sentido do discurso lesbofóbico no aparelho ideológico de Estado familiar:** entre a reprodução e a resistência. 2022. 86p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2022. (FRANÇÊS)

RÉSUMÉ

Cette dissertation présente une analyse des effets de sens du discours lesbophobe au sein de l'appareil idéologique de l'État familial. De plus, nous sommes intéressés à analyser i. quels souvenirs sont évoqués dans ce discours dans l'AIE familiale ; ii. quelles sont les spécificités de ce discours dans l'AIE (Appareil idéologique d'État) familiale et iii. quelles sont les formes de silencieux et de résistance qu'il engendre. Pour ce faire, nous avons recours à l'analyse matérialiste du discours, en utilisant comme corpus le court-métrage *Sair do Armário* (2018), de Marina Pontes, dans lequel elle enregistre elle-même la réaction de sa mère lorsqu'elle découvre sa sexualité dissidente de l'hétéronormativité - ou hétérosexualité obligatoire. En plus de ce matériel, cette recherche comprend également l'analyse de neuf commentaires faits à partir de la vidéo *Sair do Armário* et publiés sur la chaîne Kinobox sur Youtube, où la vidéo a été diffusée. Notre recherche nous a permis d'identifier un conflit de significations autour de la sexualité lesbienne dans l'unité familiale lorsque son occurrence est découverte ou confirmée parmi les membres de la famille. Dans le discours du sujet lesbien, cette sexualité est constitutive de sa propre existence ; pour celui qui la découvre, c'est quelque chose de lointain et de non-naturel. L'homosexualité des lesbiennes est, dans le discours, un tabou qui, à de nombreux moments, ne reçoit pas de nom. La recherche identifie également différentes formes de réduction au silence de la lesbienne dans la famille et la manière dont la notion de "garde-robe" est imbriquée dans la régulation de ces corps et dans leur invisibilité pour la société en général. Enfin, nous partons du principe qu'il est important de traiter la famille comme un appareil idéologique couplé à l'État et nous examinons comment la lesbophobie agit comme l'un des éléments de soutien du système capitaliste.

Mots-clés: Analyse du Discours ; Lesbophobie ; Appareil Idéologique de l'État familial

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: imagens de A e B sobre si e sobre o outro	38
Quadro 2: imagens de A e B sobre R (referente)	38
Quadro 3: Procedimentos de análise na AD	45
Quadro 4: Transcrição do vídeo <i>Sair do armário</i> (2018)	48
Quadro 5: Projeções da filha (A)	51
Quadro 6: Projeções da mãe (B)	55
Quadro 7: Projeções da filha (A) e da mãe (B) sobre o referente da lesbianidade (R)	57
Quadro 8: Os efeitos de sentido de “dentro” e “fora”	65
Quadro 9: Sequências de comentários	68

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise do discurso materialista
AIE	Aparelho ideológico de Estado
ARE	Aparelho repressivo de Estado
FD	Formação discursiva
SINAN	Sistema de agravos de notificações
LGBTQIAP +	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, <i>queers</i> , intergêneros, assexuais, pansexuais, mais
GLS	Gays, lésbicas e simpatizantes
GALF	Grupo de ação lésbica feminista

ANEXOS

Anexo I: Imagens do vídeo *Sair do Armário*, de Marina Pontes, no canal Kinobox no Youtube.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. APARELHO FAMILIAR E A LESBOFOBIA	21
1.2 A COLOCAÇÃO DO SEXO EM DISCURSO: A FAMÍLIA COMO CRISTAL DO DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE.....	21
1.2 APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO, FAMÍLIA E REPRODUÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE	25
2. ANÁLISE DE DISCURSO E O DISCURSO DA/SOBRE A SEXUALIDADE... 33	33
2.1.ANÁLISE DE DISCURSOS MATERIALISTA: PANORAMA HISTÓRICO.33	33
2.2 SUJEITO, IDEOLOGIA E SENTIDO NA AD: UMA APROXIMAÇÃO COM AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE	34
2.3 JOGO DE FORMAÇÕES IMAGINÁRIA E FORMAÇÕES DISCURSIVAS: OS EFEITOS DE SENTIDO NO DISCURSO	39
2.4 MEMÓRIA E SILENCIAMENTO.....	42
3. METODOLOGIA	46
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	46
3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	46
4. ANÁLISE.....	49
4.1 NEM DENTRO, NEM FORA: OS ESPAÇOS NEGADOS E A IMPOSSIBILIDADE DE SER	66
4.2 FAMÍLIA, HOMOSSEXUALIDADE E A RELAÇÃO COM O ARMÁRIO: EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO SOBRE O ARMÁRIO	69
5. REFLEXÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

O meu parto serão estas palavras.

(Aborto, de Gabriela Soutello)

A LGBTfobia, também conhecida como homofobia (ou homotransfobia), é uma realidade vivenciada pelos sujeitos que pertencem à comunidade LGBTQIAP+. Ela se caracteriza como práticas e discursos negativos que confrontam o erotismo e as performatividades de gênero e sexualidade dos sujeitos dissidentes da heteronormatividade (BUTLER, 2020). Essa prática passou a se configurar como crime no Brasil no dia 13 de junho de 2019. Desde então, atos preconceituosos contra as pessoas dessa comunidade podem gerar pena de um a três anos de prisão, havendo, também, aplicação de multas. Apesar do grande marco histórico para a comunidade em questão, a LGBTfobia é ainda latente na sociedade brasileira¹ e pode ser detectada em diferentes espaços sociais, inclusive no interior da própria família.

Neste trabalho de dissertação, entendendo que a sigla LGBTQIAP+ acolhe uma complexidade de sexualidades, identidades de gênero e subjetividades, nos interessamos por um grupo específico, o das lésbicas. Assim, optamos por nomear como lesbofobia familiar nosso objeto de análise. Isso porque a proposta dessa pesquisa é a de analisar os efeitos de sentido do discurso lesbofóbico no interior do aparelho ideológico de Estado familiar.

O termo homofobia familiar foi cunhado pela professora, historiadora e pesquisadora estadunidense Sarah Schulman (2010), que postula que “as especificidades e dimensões da homofobia familiar são amplas. Elas podem variar desde pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão” (p. 69). Esses graus de exclusão, muitas vezes, vão ao encontro de um certo apagamento da vida amorosa do outro. Um exemplo disso são as relações entre mães e suas filhas lésbicas. Para Modesto (2008), pesquisadora que se dedicou a analisar depoimentos de mães (heterossexuais) e filhas e filhos (não-heterossexuais), “é mais difícil para as mães aceitarem as namoradas das filhas *lésbicas* do que aceitarem os namorados dos filhos *gays*” (p. 231 – grifos nossos). Dentro e fora de

¹ Para Oliveira (2018), “a homofobia no Brasil é fundamentada e impera fortalecida dentro e fora de casa, sendo a mais esclarecida razão para os suicídios LGBTs” (p. 8)

casa, as lésbicas sofrem manifestações homofóbicas que se diferenciam, em determinadas instâncias, de outras formas de homofobia.

No Brasil, a homofobia contra mulheres lésbicas – o que já chamamos de lesbofobia - conta com um fator agravante: o machismo estrutural. Leonel (2011), ao apresentar os resultados de uma pesquisa em que boa parte dos homens concordam que mulheres se tornam lésbicas pelo fato de não conhecerem “homens de verdade”, afirma que “a lesbofobia opera de braços dados com o machismo: a lésbica deve se subjugar à vontade masculina e não há desejos senão por homens” (p. 91). Outro fato que endossa essa conclusão são os chamados estupros corretivos, em que homens violentam sexualmente o corpo lésbico - e também de mulheres bissexuais e homens transexuais - para corrigi-lo daquilo que se considera ser um desvio. Uma pesquisa feita em 2017 pelo SINAN² indica que pelo menos seis mulheres lésbicas são estupradas por dia no Brasil. Desse número, 61% dessas mulheres são estupradas dentro da própria residência e a maior parte sofre a violência mais de uma vez.

Em adição, a lesbofobia, assim como a homofobia de um modo geral, pode ser agravada na medida em que os sujeitos estão inseridos em outras minorias políticas. Prado e Junqueira (2011) compreendem que “vetores discriminatórios da pedagogia do insulto que operam mais especificamente contra as mulheres, em geral se acirram no caso de mulheres lésbicas – ainda mais se forem lésbicas pertencentes a outras ‘minorias’” (p. 56).

Tendo em vista todas essas questões, notamos que há uma gama complexa que envolve a lesbofobia nos mais diversos espaços sociais, o que justifica a necessidade de trabalhos que analisem seus efeitos e nuances. Buscamos, por meio de nossa pesquisa, analisar algo que pode, em maior ou menor grau, atravessar a existência das lésbicas de um modo geral: os efeitos de sentido da lesbofobia familiar no momento em que os sujeitos do aparelho familiar descobrem ou confirmam a sexualidade dissidente de membras lésbicas do grupo; em outras palavras: a descoberta do outro diferente de mim.

O momento da descoberta é, segundo Modesto (2008), a fase em que, de um modo geral, os pais vivenciam um misto de sentimentos. Para a pesquisadora, nesse momento, o que se sente é “tristeza, frustração, desespero, culpa, confusão” (MODESTO, 2008, p. 86).

² SINAN é a sigla para Sistema de Agravos de Notificação, que busca a “realização do diagnóstico dinâmico da ocorrência de um evento na população, podendo fornecer subsídios para explicações causais dos agravos de notificação compulsória, além de vir a indicar riscos aos quais as pessoas estão sujeitas, contribuindo assim, para a identificação da realidade epidemiológica de determinada área geográfica” (disponível em <<http://portalsinan.saude.gov.br>>)

Os sentimentos elencados por Modesto (2008) podem gerar reações diferentes, mas que afetam, de qualquer modo, as relações familiares. Em adição, Schulman (2010) explica que “devido à natureza invertida do comportamento dominante, as pessoas gays [diríamos LGBTQAP+] estão sendo punidas no interior da estrutura familiar” (p. 70).

Mediante essas constatações, se faz mister analisar o funcionamento da lesbofobia, enquanto discurso, no aparelho familiar. Esta necessidade nos parece urgente ao identificarmos os sintomas desse preconceito para sujeitos da comunidade LGBTQIAP+, mas não encontrarmos um número de pesquisas satisfatório no que diz respeito ao processo discursivo que sustenta o discurso lesbofóbico. A grande dificuldade, neste caso, é a intimidade e a restrição que existe no interior da família. À vista disso, utilizaremos como *corpus* de análise o documentário *Sair do armário* (2018), de Marina Pontes, no qual a produtora e protagonista da história grava a reação da própria mãe ao descobrir sua sexualidade dissidente do padrão hegemônico heterossexual. Além desse material, também serão analisados alguns dos comentários do vídeo no canal *Kinobox* no *Youtube*. A escolha pela análise dos comentários se deu pela possibilidade de se identificar diferentes efeitos de sentido nos enunciados de sujeitos que interagiram com o vídeo e que sentiram a necessidade de registrar suas impressões após a visualização, o que permite a ampliação da discussão acerca da lesbofobia familiar.

A ideia de que a homossexualidade destrói a família tradicional vem de uma memória perpetuada como evidência que ainda se expressa atualmente. Longhini (2018), ao citar o texto que retoma a destruição de Sodoma e Gomorra, cidades aniquiladas por Deus, segundo a bíblia, relembra que “a metáfora bíblica reforça nitidamente uma ideia de que Deus ‘teve’ que queimar Sodoma e Gomorra para manter salva a ‘família normal’ [...] Parte deste mito segue atual nos discursos pela família de ‘verdade’” (p. 70).

Ademais, não são raros os movimentos e campanhas que intentam pelo freio das discussões acerca do casamento entre pessoas do mesmo sexo e, também, contra o que ficou conhecido como “ideologia de gênero”³. Essas evidências apontam para a ideia de que a homossexualidade é um desvio de um padrão desejável e natural, o que pode afetar os discursos e, logo, as práticas que envolvem as famílias dos sujeitos LGBTQIAP+,

³ “A hegemonia da noção de ‘ideologia de gênero’ se estabelece no Brasil a partir de 2011, ano em que o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu que a união entre pessoas do mesmo sexo tinha o mesmo status do casamento heterossexual. No mesmo mês da decisão do Supremo que ganhou notoriedade nacional a polêmica sobre o material didático do programa ‘Brasil sem homofobia’, apelidado pelos conservadores de ‘kit gay’” (MISKOLCI e CAMPANA, 2017, p. 738)

causando conflitos diversos no ambiente familiar e deixando-o hostil para esses sujeitos. Por razões como essas, interessa-nos saber como isso acontece enquanto discurso, seu funcionamento, quais são suas especificidades na família que, por sua vez, exerce um importante papel na vida e na formação dos sujeitos.

De acordo com Jesus e Amparo (2019), o sujeito passa a se reconhecer enquanto parte de um coletivo, em um primeiro momento de formação embrionária a partir do núcleo familiar, “ambiente [...] fecundo para experiências públicas e privadas de felicidade, amor, frustração, dor, perdas, conquistas, demonstrações de violência, afetividade, respeito e outros tantos sentimentos e suas expressões” (p. 124).

Como abordado pelas autoras e pensando no caráter negativo da lesbofobia em qualquer ambiente, é válido conceber que sua existência na família, mesmo que temporariamente⁴, pode ser muito prejudicial, afetando, inclusive, as relações fora desse aparelho. Esses são alguns fatores que comprovam a necessidade de trabalhos empenhados em analisar esse fenômeno.

As pesquisas em torno da homofobia familiar, em geral, estão mais amplamente concentradas no campo da psicologia e da psicologia social. Já na área do discurso, no que diz respeito à lesbofobia, em específico, são raros os trabalhos que analisam seu funcionamento na família, com destaque para pesquisas como as de Edith Modesto (2008; 2015), que apresentam estudos sobre o fenômeno à luz da Semiótica Discursiva. Nesse sentido, tratar desse tema sob o viés discursivo pode ampliar as contribuições no que diz respeito aos processos envolvidos no discurso lesbofóbico, às memórias que ele recupera, às formações discursivas nas quais os sujeitos se inscrevem e, por que não, às formas de silenciamento e resistência que conflitam esse discurso. Dito isso, é possível sintetizar que um trabalho como o fazemos nesta dissertação tem relevância social, uma vez que busca compreender os processos discursivos que tocam em uma questão social ainda pouco abordada.

Somos guiados pelo objetivo geral de analisar os efeitos de sentido no discurso lesbofóbico, quando há manifestação de lesbofobia no interior da família, a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso Materialista (doravante, AD) proposta por Michel Pêcheux e colaboradores. Além disso, em nossos objetivos específicos buscamos identificar quais as memórias que são evocadas nesse discurso no AIE familiar; identificar

⁴ É comum que após os longos processos de aceitação, parte das famílias busquem acolher suas filhas lésbicas (MODESTO, 2008)

quais são as especificidades desse discurso nesse AIE e verificar quais são as formas de silenciamento e resistência engendradas no discurso familiar.

Para cumprir com os objetivos acima apresentados, dividimos este trabalho em três capítulos. O primeiro deles trata do aparelho familiar e da lesbofobia. Neste capítulo buscamos tecer um panorama que nos ajuda a situar o lugar do aparelho familiar na conservação da sexualidade hegemônica, chamando-o, nos termos de Foucault (2014), de cristal do dispositivo de sexualidade. Ademais, ainda neste primeiro momento, trazemos à tona a discussão acerca dos aparelhos ideológicos de Estado seguindo as discussões de Althusser (1998), aqui dilatamos a noção de família como aparelho ideológico para seguir com essa concepção da instituição familiar. Já no segundo capítulo, especificamos nossa perspectiva teórica e metodológica, apoiada na Análise de Discurso Materialista, que tem seu berço na França e que é expandida e desenvolvida por pesquisadores e pesquisadoras no Brasil. Finalmente, no terceiro capítulo destinamos espaço para a análise e para a discussão rumo às reflexões finais que indicam os resultados e as potencialidades de continuidade de nossa pesquisa.

1. APARELHO FAMILIAR E A LESBOFOBIA

1.2 A COLOCAÇÃO DO SEXO EM DISCURSO: A FAMÍLIA COMO CRISTAL DO DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE

Pois não há sexo. Há apenas sexo que é oprimido e sexo que oprime. É opressão que cria sexo e não pelo contrário.

(Monique Wittig)

Foucault (2014), em seu livro *História da Sexualidade: a vontade de saber*, traça um percurso histórico que analisa a colocação do sexo em discurso. Para ele, há uma incitação dos discursos acerca do sexo que é mais contundente que a hipótese de sua repressão. Dito de outra forma, não é que não haja repressão acerca do sexo e da sexualidade, mas essa não é a principal via de análise de como o discurso sobre o sexo e a criação de um dispositivo de sexualidade se estabeleceu e ganhou forças na sociedade. Segundo Foucault (2014), a inscrição e a solidificação do discurso sobre o sexo se deram, principalmente, pelo estímulo, pela proliferação e pela insistência em se falar e fazer falar dele. O que acontece é o fomento que faz do sexo um segredo que precisa ser revelado.

Para alicerçar a hipótese de incitação dos discursos sobre o sexo, Foucault (2014) retoma o movimento da Contrarreforma e o estímulo da prática da confissão gerado por esse movimento. É ali no século XVIII que se acelera o processo de incitação: a busca e a recomendação por uma análise profunda e minuciosa do pecador que, à procura de perdão e salvação, deve confessar seus desejos e sonhos mais secretos. Falar sobre o sexo passou a ser a obrigação moral de todo “bom cristão”, a confissão devia ser uma prática regular e descritiva.

o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder : incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sobre a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. (FOUCAULT, 2014, p. 20)

Esse desejo de poder saber é que coloca o sexo em discurso e é a partir desse estímulo institucional que tudo relacionado a ele adquire importância. É assim que a confissão se torna uma prática de descrição das relações sexuais. Ela, então, passa a se caracterizar como

um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a, e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação. (FOUCAULT, 2014, p. 69)

Como vimos, essa prática pressupõe em seu ritual, um poder de modificação, de liberação de um estado a outro. Durante séculos essa prática e as prescrições dadas para ela se tornaram os principais meios de colocação do sexo em discurso e, ainda hoje, a confissão segue como “a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo” (FOUCAULT, 2014, p. 70).

Apesar de se fortificar com a Contrarreforma da Igreja Católica, no século XVIII, a confissão começa a se enraizar em outros campos como o da pedagogia ainda no século XVIII e, no século XIX, da medicina. À medida que isso acontece, ela adquire novas formas e novas dimensões, se difunde e passa a estar presente em múltiplas relações. A medicina, bem como a pedagogia, se apropria dessa prática e solidifica um discurso verdadeiro sobre os prazeres, um discurso que não se pauta na perspectiva do pecado e da salvação, mas da própria ciência (FOUCAULT, 2014). A respeito da difusão da confissão Foucault (2014) escreve que

As motivações e efeitos dela [da confissão] esperados se diversificaram, assim como a forma que toma: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou cartas, que são consignados, transcritos, reunidos em fichários, publicados e comentados. Mas a confissão se abre, se não a outros domínios, pelo menos a novas maneiras de percorrer tais domínios. Não se trata somente de dizer o que foi feito – o ato sexual – e como, mas de reconstituir nele e a seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade que o contém. Pela primeira vez, sem dúvida, uma sociedade se

inclinou a solicitar e a ouvir a própria confiança dos prazeres individuais. (FOUCAULT, 2014, p. 71)

A confissão sai do âmbito estritamente religioso e passa a se difundir em outros aparelhos, se integrando à família e aos consultórios médicos, por exemplo, e sendo encadeada no discurso científico – *scientia sexualis*. Surge, então, um dispositivo de sexualidade capaz de, conduzido pelas interdições, produzir a verdade em torno do sexo. É nessa difusão que nascem as sexualidades cristalizadas como anormais, entre elas, a homossexualidade e outras que se ligam, por exemplo, à sexualidade feminina (a mulher histérica, frígida, perversa).

Em um primeiro momento, ainda no século XIX, a homossexualidade é tratada como uma anomalia, principalmente por ser considerada não-reprodutora. No entanto, já no século XX, a partir das investidas de Kraft-Ebing⁵, o uso do binômio *hetero-sexual* e *homo-sexual* passa a tratar dos erotismos considerando-os a partir de categorias como bom/normal e ruim/anormal.

O uso de Kraft-Ebing da palavra hetero-sexual para significar um erotismo normal de sexo diferenciado indicou um primeiro afastamento histórico da centenária norma reprodutiva. Seu uso dos termos hetero-sexual e homo-sexual ajudou a tornar a diferença entre os sexos e as características distintivas básicas de uma nova ordem social, linguística e conceitual do desejo. Seus hetero-sexual e homo-sexual ofereceram ao mundo moderno dois erotismos de sexo diferenciado, um normal e bom, outro anormal e ruim, uma divisão que viria a dominar a nossa visão do século XX do universo sexual. (KATZ, 1990, p. 40)

Nesse sentido, podemos notar que há uma estruturação binária na divisão sobre a qual se desenvolve a noção em torno da sexualidade, e é a colocação do sexo em discurso que faz dele a categoria política que, além de tomar como posse o corpo da mulher, inaugura a sociedade heterossexual (WITTIG, 2007). Somando-se a isso, a criação de um dispositivo de sexualidade – que propaga o que é verdadeiro sobre o sexo -, a patologização dos considerados anormais que se desenha ainda no século XIX, a categorização binária de sexo e gênero na sociedade ocidental, entre outras coisas, desembocam, conjuntamente, no nascimento de

uma demanda incessante a partir da família: de que a ajudem a resolver tais interferências infelizes entre a sexualidade e a aliança; e, presa na

⁵ Richard von Krafft-Ebing (1840 - 1902) foi um psiquiatra alemão que se tornou conhecido por investigar o que chamou de Psicopatologia Sexual no final do século XIX.

cilada desse dispositivo de sexualidade que sobre ela investira de fora, que contribuíra para solidificá-la em sua forma moderna, lança aos médicos, aos pedagogos, aos psiquiatras, aos padres e também aos pastores, a todos os ‘especialistas’ possíveis, o longo lamento de seu sofrimento sexual. (...) *A família é o cristal do dispositivo de sexualidade que de fato reflete e difrata.* Por sua penetrabilidade e sua repercussão voltada para o exterior, *ela é um dos elementos táticos mais preciosos para esse dispositivo.* (FOUCAULT, 2014, p. 121 – grifos nossos)

A família, como vimos, se torna o núcleo que demanda ajuda e controle de outros aparelhos para melhor lidar com as figuras mistas cujas sexualidades foram consideradas anormais e perversas. Especialistas advindos de todos os outros aparelhos são reclamados para auxiliá-la e impedir seu esfacelamento. Foucault (2014) argumenta que Charcot⁶ aconselhava aos sujeitos que o procuravam encaminhando seus familiares, que os “doentes” fossem ouvidos o menos possível, estes deviam ser separados da própria família (FOUCAULT, 2014).

Consequentemente, a família exerce um papel fundamental no que diz respeito ao dispositivo de sexualidade e aos discursos sobre o sexo. Para França (2009), é comum que sujeitos LGBTQIAP +, estigmatizados por suas próprias famílias de origem, criem famílias de laços afetivos, o que a autora entende como “família escolhida” ou “família de escolha”. Segundo a pesquisadora, todos os sujeitos têm a necessidade de uma rede social na qual se sintam confortáveis em trocar vínculos. No entanto, sujeitos LGBTQIAP + nem sempre conseguem encontrar essa rede de apoio em sua família de origem devido aos preconceitos e aos valores considerados dissidentes. Assim, esses sujeitos buscam novos grupos que comungam de seus valores. França (2009) postula que essa rede pode contar com amigos, parceiros e, inclusive, com membros da própria família biológica.

Urge, a partir da discussão fomentada neste tópico, a necessidade de analisar a LGBTfobia, de modo geral e, no caso de nossa proposta, a lesbofobia no interior do aparelho que, segundo Foucault (2014), se constitui como o cristal do dispositivo de sexualidade. Com vistas nisso, discutiremos na próxima subseção o que são os aparelhos ideológicos de Estado, dando enfoque na instituição familiar e na reprodução da heteronormatividade nesse aparelho.

⁶ Jean-Martin Charcot (1825 - 1896), ao qual refere-se Foucault (2014), foi um médico e cientista francês que ficou conhecido como o “Pai da Hipnose”.

1.2 APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO, FAMÍLIA E REPRODUÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE

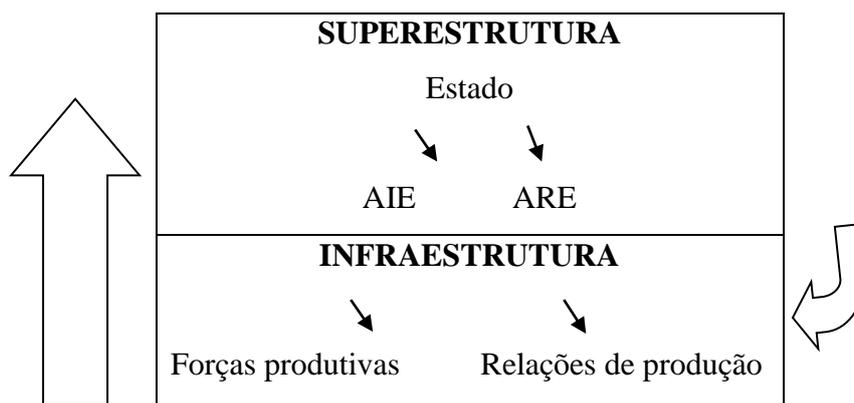
Como discutimos na seção anterior, a família passa a receber e a lidar com uma demanda incessante sobre a sexualidade de seus membros, ela se torna, gradualmente, o cristal do dispositivo de sexualidade. É precisamente sobre essa afirmação que notamos a necessidade de entender a família como um aparelho ideológico de Estado (doravante, AIE), pois cremos que a demanda que recai sobre ela está estreitamente associada ao seu engendramento em uma dada estrutura social, sobretudo em uma formação social que tem a família como um dos pilares para organizar seu funcionamento, como dissertaremos nesta seção.

De acordo com Althusser (1998), os aparelhos ideológicos de Estado se apresentam de imediato como instituições distintas como a Família, a Escola, a Igreja, dentre outras. Para o autor, esses aparelhos, em contraposição com o aparelho repressivo de Estado (doravante, ARE), tendem a trabalhar, majoritariamente, por meio da ideologia, enquanto o outro tem como maior foco o uso da repressão e da violência, inclusive física. Entretanto, Althusser (1998) argumenta que esses aparelhos não devem ser considerados em âmbitos completamente separados. Embora não possamos confundi-los, eles estão imbricados e se relacionam, tendo em vista que garantem uma hegemonia de classe e que se constituem como um desdobramento do Estado.

No intuito de compreendermos o que são e como funcionam os AIEs, retomaremos a metáfora do edifício no âmbito do Marxismo clássico a fim de ilustrar a estruturação da sociedade segundo esse pensamento. Nesse segmento teórico, uma formação social é constituída por uma base econômica - infraestrutura -, e por andares superiores que se estabelecem a partir dessa base - superestrutura. Dessa forma, como podemos imaginar, a superestrutura depende da infraestrutura para se manter e até mesmo existir, uma vez que se torna impossível que, em um edifício, os andares superiores se sustentem sem a base e parem no ar de forma independente. Portanto, a infraestrutura é determinante para a sustentação da superestrutura.

De acordo com Althusser (1998), a metáfora marxista é fundamental, no sentido de nos permitir ver a base econômica e a superestrutura a partir do viés da determinação – ou índice de eficácia. O filósofo, consoante à proposta elaborada no Marxismo clássico, argumenta que a base é o determinante em última instância, ou seja, ela é o fator essencial

para a sustentação da superestrutura. Entretanto, ele nos chama a atenção, a partir dessa metáfora, para aquilo que o Marxismo clássico chama de autonomia relativa da superestrutura. O autor reforça, portanto, que se há autonomia relativa, há uma ação de retorno da superestrutura sobre a infraestrutura. Amparando-nos a essa lógica, buscamos esquematizar essa ação da seguinte maneira:



A partir da imagem notamos que a superestrutura não se constitui como um simples reflexo da infraestrutura. Apesar de a base ser a determinante em última instância (ação representada pela seta maior em nosso esquema), a superestrutura exerce uma ação de retorno sobre ela (ação representada pela seta menor), e é, justamente, essa ação que Althusser (1998) sublinha para fomentar a discussão em torno dos AIEs. Até aqui, podemos resumir que

a grande vantagem teórica da tópica Marxista, portanto da metáfora espacial do edifício (base e superestrutura) é simultaneamente o facto de fazer ver que as questões de determinação (ou índices de eficácia) são capitais; mostrar que é a base que determina em última instância todo o edifício; e, por via de consequência, obrigar a levantar o problema teórico do tipo de eficácia ‘derivada’ própria à superestrutura, isto é, obrigar a pensar o que a tradição marxista designa sob os termos conjuntos de autonomia relativa da superestrutura e acção de retorno da superestrutura sobre a base (ALTHUSSER, 1998, p. 28)

Enquanto a infraestrutura, como apresentamos no esquema, comporta as forças produtivas, ou seja, os meios de produção e a mão de obra, por um lado, e por outro, as relações de produção, é na superestrutura que está o Estado, cujo desdobramento se dá em um aparelho repressivo e em aparelhos ideológicos. Compreendemos, então, a partir dessa constatação e a partir da noção da determinação em última instância da base, que o ARE e os AIEs trabalham reproduzindo a base econômica de uma dada sociedade. Logo, eles

correspondem às formas de reprodução das forças produtivas e das relações de produção dessa formação social.

A garantia de reprodução da base econômica e a detenção do poder de Estado pelas classes dominantes não acontecem sem a hegemonia dessas classes nos e sobre os AIEs, como indica Althusser (1998) ao dissertar que “*nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado*” (ALTHUSSER, 1998, p. 49 – grifos do autor). A esse respeito, Pêcheux (2014), em diálogo com Althusser (1998), postula que

“A Ideologia da classe dominante não se torna dominante pela graça do céu...”, o que quer dizer que os aparelhos ideológicos de Estado não são a *expressão* da dominação da ideologia dominante, isto é, da ideologia da classe dominante [...], mas sim que eles são seu lugar e meio de realização: “é pela instalação dos aparelhos ideológicos de Estado, nos quais essa ideologia [a ideologia da classe dominante] é realizada e se realiza, que ela se torna dominante...” (PÊCHEUX, 2014, p. 131 – grifos do autor)

De acordo com o autor, são nos AIEs e por meio deles que a Ideologia da classe dominante se torna hegemônica. Contudo, não obstante os AIEs contribuam para a reprodução de uma hegemonia de classes, como palco de luta das classes eles são também afetados por contradições, pois, uma vez que há dominação, hegemonia, há necessariamente resistência. As disputas que acontecem no interior do próprio AIE familiar são exemplos tácitos das contradições que afetam a estabilidade desse aparelho. Se, por um lado, são cristalizados modelos de famílias que reproduzem a norma, por outro, as ideologias das minorias sexuais e de gênero perturbam e ameaçam a multiplicação dessas cristalizações. É nesse ponto que as classes dominantes se associam a um discurso conservador em defesa da família tradicional, como se este fosse um conceito evidente, a-histórico e natural.

As ideologias dominantes, ou seja, as ideologias das classes dominantes e da sexualidade legitimada, pretendem a estabilização dos modelos de família cujas divisões se pautam em parâmetros reprodutivos e heteronormativos. Dito de outra forma, a reprodução das relações de produção implica na reprodução de subjetividades que contribuem para a reprodução da infraestrutura econômica. Nesse sentido, entender a família enquanto aparelho ideológico de Estado nos possibilita visualizar, em algum nível, como ela se organiza e é organizada no interior do sistema capitalista e na manutenção de um Estado

determinado por esse sistema, cujo poder é detido pela burguesia em parte por “*sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado*” (ALTHUSSER, 1998, p. 49 – grifos do autor)

Engels (1884 [2019]), no livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, salienta que “a ordem social em que vivem os homens de determinada época ou determinado país está condicionada por duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho, de um lado, e da família, de outro” (Engels, 1884 [2019], p.08). Tendo em vista essa segunda espécie de produção, o autor atribui que a fundação da sociedade moderna se dá pelo declínio de uma forma primitiva de família. Segundo Engels (1884 [2019]), os antigos moldes, que podiam ser encontrados em diversos lugares do mundo, se organizavam em uma espécie de “comunismo primitivo”, sistema que não se embasava no acúmulo de riquezas, cujos membros eram regidos sob as leis de uma matriarca, ou de um patriarca. Nesses sistemas, reconhecidos em diferentes sociedades, eram comuns, segundo o autor, a poligamia e a poliandria.

O nascimento da família monogâmica e do matrimônio regido por um contrato de interesses – fato que prevaleceu até o fim da Idade Média – tornaram-se vigentes com a sobreposição da propriedade privada em relação à propriedade coletiva, quando o “interesse na transmissão da propriedade por meio de herança, o direito paterno e a monogamia passaram a reinar; foi então que o casamento se tornou inteiramente dependente das considerações econômicas” (ENGELS, 2019, p. 78). O autor atribui ao Estado o interesse por esse formato de matrimônio e pela produção de sujeitos que reproduzem tal padrão (ENGELS, 2019). Nesse sentido, é sobre o alicerce da religião, principalmente a partir da Reforma Luterana, que o capitalismo produz esses sujeitos. Assim, de acordo com Ferreira e Aginsky (2013),

A moral cristã também vai ao encontro da ideologia da família burguesa do século 19, na qual o burguês é reconhecido como o bom cristão por ser monogâmico, se reproduzir e acumular capital por meio do matrimônio, legitimando as posses materiais hereditárias através da propriedade privada. O casamento também começou a ser valorizado porque interessava à manutenção das classes sociais, já que os sujeitos unidos em matrimônio eram considerados uma única célula de controle. (FERREIRA e AGUINSKY, 2013, p. 224)

Nessa perspectiva, percebemos que a monogamia, que obtém suporte no formato social de uma burguesia cristã, é fundamental para a formatação da família nuclear

hegemônica nos dias atuais e para as projeções de família que se acomodam na memória social dos sujeitos e que se sobrepõem de modo hegemônico no AIE familiar. Para Engels (2019),

Ele [o casamento monogâmico] entra em cena como a subjugação de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, desconhecido em toda história pregressa. Em um antigo manuscrito inédito, elaborado por Marx e por mim [Engels] em 1846, encontro o seguinte: ‘A primeira divisão do trabalho foi a que ocorreu entre homem e mulher visando à geração de filhos’. E hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher no casamento monogâmico, e a primeira opressão de classe coincide com a do sexo feminino pelo sexo masculino. (ENGELS, 1975 [2019, p. 68])

Como vimos até aqui, as questões de classe coincidem e se entrecruzam às questões de gênero e de sexualidade, uma vez que, para sustentar o sistema capitalista, os sujeitos devem também reproduzir um formato de família que facilite o controle e a manutenção por parte desse sistema. Sendo assim, o aparelho ideológico de Estado familiar, palco de disputas que exerce uma ação de retorno à base econômica, é movimentado pela tensão entre reprodução-transformação⁷ em torno do que pode ser concebido como família. Em adição, ele também se configura, relembramos, como o cristal do dispositivo de sexualidade.

Todos esses fatores fazem com que as ideologias das classes dominantes forjem sobre e nos AIEs a ideologia hegemônica de uma projeção de família sempre monogâmica, para ser unidade de controle do capitalismo, e sempre heterossexual, para reproduzir essa unidade e fazer com que os sujeitos ocupem seus lugares na reprodução da base econômica. A garantia de que essa reprodução se efetive perpassa pelo cristal de dispositivo da sexualidade, ou seja, pela família, sobretudo pelas ideologias concebidas pelo formato de família burguesa, família na qual, desde seu nascimento,

se problematizou [...] a sexualidade das crianças e dos adolescentes; e nela [na família burguesa ou aristocrática] foi medicalizada a sexualidade feminina; ela foi alertada, primeiramente, para a patologia possível do

⁷ Utilizamos, aqui, os termos reprodução/transformação concordando com Pêcheux (2014), que afirma, a partir de seu diálogo com Althusser, que os “Aparelhos Ideológicos de Estado são caracterizados como a *sede* e o *motivo* de uma luta de classes: pareceu-me, também, mais justo caracterizar a luta ideológica de classes como um processo de *reprodução-transformação* das relações de produção existentes, de maneira a inscrever nessa noção a própria marca da contradição de classes que a constitui ” (PÊCHEUX, 2014, p. 274 – grifos do autor)

sexo, a urgência em vigiá-lo e a necessidade de inventar uma tecnologia racional de correção. Foi ela o primeiro lugar de psiquiatrização do sexo. Foi quem entrou, antes de todas, em eretismo sexual, dando-se a medos, inventando receitas, pedindo o socorro das técnicas científicas, suscitando, a fim de repeti-los para si mesma, discursos inumeráveis (FOUCAULT, 2014, p. 131)

Com o que postula Foucault (2014) e com o diálogo que propomos entre esse pensamento do filósofo e as contribuições de Althusser (1998) e Engels (2019), ousamos concluir o seguinte: o AIE familiar é, simultaneamente, protetor das formas legitimadas de família – logo, de gêneros e sexualidades que reproduzem essas formas – e protegido – pelo aparelho repressivo e por outros AIEs (religioso, escolar etc) – para que essas formas legitimadas sejam ciclicamente garantidas, reproduzindo a Infraestrutura e assegurando, conjuntamente com os outros AIEs, o sistema sobre o qual nos assentamos⁸.

Com tudo que foi discutido, os discursos em defesa da família são, seguindo o raciocínio que nos trouxe até aqui, uma forma de manutenção de uma das peças de sustentação do capitalismo: a família monogâmica, cristã e heterossexual. O que acontece, portanto, com os sujeitos que perturbam a hegemonia dessa projeção familiar? Essa é uma pergunta que nos faz apontar para a regulação que se inicia ainda na infância.

Em sua crônica *Quem defende a criança queer?*, o filósofo espanhol Paul B. Preciado (2020), ao retomar o acontecimento de repulsa dos adversários do projeto de lei do casamento homossexual e, em adição, do direito de adoção por esses casais na França, salienta que sob o argumento de se defender o direito da criança de ter um pai e uma mãe, o que de fato acontece é a proteção do

efeito de um dispositivo pedagógico insidioso, é o lugar de projeção de todos os fantasmas, o álibi que permite que o adulto naturalize a norma. A biopolítica é vivípara e pedófila. O que está em jogo é o futuro da nação heterossexual. A criança é um artefato biopolítico que permite normalizar o adulto. A política de gênero vigia os berços para transformar todos os corpos em crianças heterossexuais. A norma [...] prepara e industrializa a reprodução, da escola ao parlamento. (PRECIADO, 2020, p. 71)

Para Preciado (2020) a norma age, já na infância, sob o discurso de proteção da criança, em prol de uma reprodução do adulto arquitetado por ela. Ainda nesse sentido, Butler (2004) postula que a norma humaniza aqueles que estão sob a sua regência,

⁸ Basta lembrarmos das lutas contra o que foi chamado de “Ideologia de gênero” pelos grupos conservadores.

separando e tornando ininteligível (abjeto) os que destoam de seus parâmetros regulatórios – mesmo quando a legitimação do casamento LGBTQIAP+ começa a ser mais amplamente discutida, por exemplo⁹. Sendo assim, o que resta para as subjetividades lidas como dissidentes é a correção do desvio, em cada aparelho essas dissidências receberão nomeações múltiplas – pecado, perversão, patologia etc -, em cada um deles e também por meio da cumplicidade existente entre eles, haverá um ou mais meios de formação e formatação dos sujeitos, seguindo os padrões da heterossexualidade compulsória e da cisgeneridade como parâmetro.

De acordo com Butler (2020), é papel da família reproduzir outras famílias cujo padrão seja heteronormativo. A base para isso é que famílias heterossexuais reproduzam sujeitos heterossexuais para que estes sujeitos formem modelos de famílias idênticos, o que garante o funcionamento do Estado sem cisões que ameacem sua conjuntura. Para isso, há um reforço das relações de produção de classe/gênero/sexualidade e, neste caso, o AIE familiar desempenha um papel fundamental e nuclear, tendo em vista que a reprodução inadequada desse padrão, conforme nos indica Butler (2020), pode abrir margem para famílias em outros formatos, o que ameaça todo o sistema social pautado na heteronormatividade e, mais ainda, o que ameaça a estabilidade do próprio sistema capitalista.

Portanto, em nossa perspectiva, defendemos que a reprodução da base econômica capitalista depende da hegemonia das ideologias dominantes nos e sobre os AIEs. É nesse sentido que dialogamos com Engels (2019) quando concordamos com o autor que as opressões de classe coincidem com as opressões de gênero e, acrescentamos, com as opressões que giram em torno da sexualidade. A reprodução exclusiva de sujeitos heterossexuais é, assim, um dos fatores que facilita a formação de famílias que se encaixam no modelo pressuposto para a manutenção da base econômica.

Dito isso, passemos para o próximo capítulo. No capítulo 2, daremos enfoque no referencial teórico – e metodológico – sobre o qual alicerçamos nossa pesquisa quanto à análise da materialidade linguística de nosso *corpus*. Para isso, o capítulo se divide da seguinte maneira: um breve panorama histórico da Análise de Discurso Materialista, seguido de uma segunda subseção que visa tratar dos sujeitos, ideologia e sentidos na AD, já buscando criar conexões com as questões de gênero e sexualidade e, *a posteriori*, uma

⁹ Ler Butler (2002)

outra seção focando no jogo de formações imaginárias. Por fim, abrimos uma última seção em torno da memória e do silenciamento na perspectiva da AD

2. ANÁLISE DE DISCURSO E O DISCURSO DA/SOBRE A SEXUALIDADE

2.1. ANÁLISE DE DISCURSOS MATERIALISTA: PANORAMA HISTÓRICO

Ao propormo-nos discorrer sobre análise do discurso é válido sublinharmos sobre qual perspectiva teórica estamos ancorados. Essa marcação se dá pelo fato de que, na atualidade, outras importantes perspectivas têm surgido, divergindo em determinados pontos umas das outras. A partir dessa premissa, falamos aqui da Análise de Discursos Materialista, que surge no final da década de 1960 com as contribuições e inquietações do filósofo francês Michel Pêcheux. A AD nasce de uma fissura com as Ciências Sociais – em especial, com a psicologia social –, as quais não possuíam, na perspectiva de Pêcheux (1969), um status propriamente científico, mas se constituíam como uma pré-ciência. Com vistas nisso, Pêcheux propõe oferecer às ciências sociais um instrumento científico capaz de tornar seus métodos também científicos.

Entre os tantos empreendimentos de Pêcheux, um dos questionamentos iniciais está ligado ao fato de haver uma concepção simplista de que a língua é um mero instrumento de comunicação, ou seja, serve apenas para transmitir mensagens de um ponto A para um ponto B, tendo assim um caráter de transparência. É válido lembrar que o estruturalismo vivia seu apogeu até meados da década de 1960, nesse contexto a Linguística – considerada à época a ciência-piloto das ciências humanas e responsável por oferecer aparatos para a análise da língua (FERREIRA, 2003) - negligenciava questões que se tornaram nodais para a AD, como a questão do sujeito e do sentido. Ferreira (2010) postula que

A AD, sempre é bom frisar, soube dar um caráter revolucionário ao modo como abordou o papel da linguagem; bem distante do aspecto meramente formal e categorizador a ela atribuído por uma visão estruturalista mais redutora em sua origem. A linguagem pela ótica discursiva ganha um traço fundacional na constituição do sujeito e do sentido e vai distinguir-se também na condição que lhe confere a psicanálise. (FERREIRA, 2010, p.2)

Essa nova abordagem revolucionária da linguagem sobre a qual discorre Ferreira (2010) não se converte em um abandono da Linguística, mas em um apontamento para aquilo que ela sempre negligenciou e que causava, no interior de seu próprio domínio, um mal-estar constante. Para Pêcheux (2014) “as ‘questões de Semântica’ com que se depara

hoje a Linguística constituem, assim, o que se poderia chamar o retorno das origens de uma ciência (retorno daquilo que ela teve que separar para se tornar o que é) nessa mesma ciência” (p. 78). Em outras palavras, o que é abandonado pelo recorte sobre o qual se apoiou a Linguística para que esta se constituísse enquanto ciência é o que lhe é cobrado posteriormente. É nesse vácuo deixado por ela – o terreno descoberto (PÊCHEUX, 1969 [1996]) - que a AD se instala e busca articulações que tornam possível iniciar a discussão em torno do sujeito e do sentido.

Portanto, a AD se ancora, logo no início, em um caráter transgressor que vem romper com questões já acomodadas pelo estruturalismo, sem abandoná-las por completo, e com as concepções de linguagem estabelecidas como puro objeto de comunicação. Ao romper com o caráter instrumental conferido à linguagem, Pêcheux lança luz para o discurso e inicia sua trajetória teórica sobre esse novo corte epistemológico (HENRY, 1996).

Todos esses apontamentos supracitados geram a necessidade de uma “mudança de terreno”, um deslocamento que conta com a contribuição de outros campos do saber. Assim, a AD adquire um status de disciplina de entremeio desde sua formação, se instalando na articulação de três regiões do conhecimento científico, sendo elas: o materialismo histórico, por meio da releitura que Althusser faz de Marx; a linguística, a partir das contribuições de Saussure; e a teoria do discurso, que lança um olhar para a determinação histórica dos processos semânticos; todas atravessadas por uma teoria das subjetividades, fundamentada na psicanálise (PÊCHEUX E FUCHS, 1975 [1996, p. 163, 164]).

Essa mudança de terreno desemboca, assim, na viabilização de um olhar que busca compreender o sujeito, o funcionamento da ideologia e os movimentos dos sentidos no/do discurso. Na próxima subseção pretendemos esboçar como a AD entende essas categorias centrais, além de buscar aproximações delas com questões de gênero e sexualidade que são a espinha dorsal desta pesquisa.

2.2 SUJEITO, IDEOLOGIA E SENTIDO NA AD: UMA APROXIMAÇÃO COM AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Uma das questões centrais para a AD é a questão do sujeito. De acordo com Pêcheux e Fuchs (1969 [1996]), em consonância com Althusser (1998), a “ideologia interpela os

indivíduos em sujeitos” (p. 167). Nesse sentido, é válido compreender que o sujeito da análise de discurso, a despeito de suas intenções, é ultrapassado pelo que diz. O sujeito da análise de discurso é assujeitado pela ideologia por meio da língua, assim, é sempre ideológico e está sempre posicionado.

A língua, nessa perspectiva, ocupa um papel fundamental para a AD, tendo em vista que é por meio da materialidade linguística que adentramos para as questões discursivas. De acordo com Gasparini (2015) a língua “é a materialidade na qual advém o sentido que se constitui sócio-historicamente” (p. 63). Ademais, como indica Gregolin (1995), “a língua é o lugar material onde se realizam os ‘efeitos de sentido’” (p. 18). E é também por meio dela que o sujeito é entendido em sua forma histórica, conforme assinala Orlandi (2015):

A forma sujeito-histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base para o que chamamos assujeitamento (ORLANDI, 2015, p. 48)

Dessa forma, o assujeitamento está conectado à forma sujeito-histórica, o sujeito está sempre encurralado pela língua e por sua inscrição na história, os sentidos se constituem no encontro e na inscrição da língua na história e não há possibilidades de escapamento dessa injunção. Sendo assim, é por meio da língua que o sujeito significa a si mesmo e ao mundo. Com vistas nisso, o sujeito se curva diante da língua e, ao curvar-se, é tomado por duas ilusões¹⁰. A primeira, chamada por Pêcheux e Fuchs (1975 [1996]) de esquecimento número um, é a ilusão de que ele é dono e a origem de seu dizer. Esse esquecimento está no nível do inconsciente e, por isso, é um engodo necessário para que o sujeito enuncie. Já a segunda ilusão, o esquecimento número dois, e se encontra no nível do enunciado, permitindo ao sujeito que este privilegie determinadas formas em detrimento de outras, formule e reformule seu dizer.

Assim, tratamos sempre de um sujeito incompleto, que esquece para enunciar e significar e é tomado pela ideologia. Dessa forma, a ideologia não tem um fora, toda vez

¹⁰ Esta oposição entre os dois tipos de esquecimentos tem relação com a oposição (...) entre a situação empírica concreta na qual se encontra o sujeito, marcada pelo caráter da identificação imaginária onde o outro é um outro eu (‘outro’ com o minúsculo), e o processo de interpelação-assujeitamento do sujeito, que se refere ao que J. Lacan designa metaforicamente pelo ‘Outro’ com O maiúsculo (PÊCHEUX e FUCHS, 1990, p. 177)

que rompemos com um posicionamento ideológico, somos, imediatamente, imbricados a outro. Para Pêcheux (2014), ideologia e inconsciente são estruturas-funcionamentos cujo caráter é o de “dissimular sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjetivas’ [...] nas quais se constitui o sujeito. [...] a categoria de sujeito é uma ‘evidência’” (PÊCHEUX, 2014, p. 139). A evidência do sujeito faz também emergir a evidência do sentido e, junto a ela, a manifestação da ideologia em sua forma material.

Aproximando-nos de nosso objeto, é possível pensar na forma material da ideologia quando, nos termos de Butler (2003), encontramos corpos que são abjetos e inassimiláveis. Para que alguns corpos não sejam decodificados e reconhecidos socialmente, há uma ideologia que normaliza e normatiza o que é um corpo, mais ainda, a qual grupo esse corpo pertence dentro de duas categorias evidentes: macho/homem/heterossexual ou fêmea/mulher/heterossexual. Para Pêcheux (2014)

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, ‘sob a transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material dos sentidos das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2014, p. 146)

Diríamos, consoantes com a proposta de Pêcheux (2014), que é por meio da ideologia que ‘todo mundo sabe’ o que é um homem e uma mulher e qual sexualidade ‘natural’ está pressuposta nas práticas dessas duas formas de existência. Observamos, então, que por meio da ideologia, a língua aparece como intermediária entre o sujeito e o mundo que o cerca, ou seja, a língua e sua inscrição na história surge como mediadora entre o sujeito e o real. De acordo com Orlandi (2007) a ideologia pode ser compreendida como aquilo que “representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de ‘evidência’, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como ‘natural’” (ORLANDI, 2007, p. 96-97).

Sobre a estrutura do funcionamento da ideologia, Althusser (1998) propõe duas teses. A primeira é a de que a “ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência” (p. 77). Essa tese, de modo resumido, é o efeito ilusório que a ideologia causa nos indivíduos, que acreditam lidar com a realidade, enquanto, na verdade, criam relações imaginárias com o real. Nesse sentido, os indivíduos representam suas condições de existência, essa é uma ilusão necessária.

A segunda tese é a de que “a ideologia tem uma existência material” (p. 83). A materialidade da ideologia se corporifica de várias formas, como em rituais, ações, na vestimenta, no uso de símbolos etc. Além desses exemplos, a prática linguageira também se configura como uma das materialidades da ideologia; ou seja, o discurso é uma manifestação da corporificação da ideologia. Essas duas teses supracitadas dão suporte para a conclusão que Althusser (1998) apresenta: as práticas só são possíveis através da ideologia e, só existe ideologia através dos e para os sujeitos.

Uma elucidação disso é o nosso próprio modelo de sociedade capitalista/ocidental/cristã, que tem a tendência de dividir, como já citado, os grupos humanos em dois tipos essenciais. Antes mesmo do nascimento, somos interpelados pela ideologia binária de gênero e pelos tipos de relações que são esperadas no interior dessas categorias baseadas pelos parâmetros da heteronormatividade. Um exemplo de que a interpelação do indivíduo em sujeito/binário/heterossexual possui um caráter material está na cultura dos chamados “chás revelação”, geralmente organizados em cores rosa = menina e azul=menino para que os casais, em sua maioria enquadrados no binarismo de gênero e sexualidade, descubram o sexo biológico do bebê que ainda não nasceu. Nesse ritual, a descoberta do sexo biológico, acompanhada das cores rosa e azul, define quais as projeções de vida são criadas para o bebê e perpetua uma gama de estereótipos de gênero e sexualidade aceitáveis e assimiláveis dentro do nosso modelo social. Esse conjunto de cristalizações vão desde o nome escolhido, passando pelas vestimentas, as brincadeiras, até as projeções dos relacionamentos amorosos e do futuro da criança dentro do sistema familiar heterossexual. Para Louro (2014),

essa eterna oposição binária usualmente nos faz equiparar, pela mesma lógica, outros pares de conceitos, como ‘produção-reprodução’, ‘público-privado’, ‘razão-sentimento’ etc. Tais pares correspondem, é possível imediatamente perceber, ao masculino e feminino, e evidenciam a prioridade do primeiro elemento, do qual *o outro se deriva*, conforme supõe o pensamento dicotômico. (...) Uma lógica que parece apontar para um lugar ‘natural’ e fixo para cada gênero. (LOURO, 2014, p. 36 – *grifos da autora*)

Assim, conforme aponta a autora, a oposição binária na qual somos interpelados cria uma rede de sentidos estabelecidos como naturais. Nesse sentido, a sexualidade é mais um fator pressuposto a partir do sexo biológico, a heterossexualidade é uma evidência. Contudo, conforme postula Katz (1996), a heterossexualidade, assim como a

homossexualidade, é uma categoria inventada, passível de historicização, isto é, é uma categoria que tem data de nascimento e, portanto, não estabelece correspondência com a ordem da natureza, um pressuposto obrigatório da espécie humana.

A ligação entre *heterossexualidade – natureza* é simulada no interior de aparelhos ideológicos e sustentada por discursos que operam a lógica de reprodução capitalista, na qual o corpo é também uma peça de duplicação¹¹. Os sentidos das palavras designadas para as questões de gênero e sexualidade são constituídos sócio-historicamente e conflitam a depender de quem enuncia e de onde se enuncia. De acordo com Pêcheux (2014)

o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas): poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* (...) nas quais se inscrevem. (PÊCHEUX, 2014, p. 147 – grifos do autor)

Os sentidos, conforme defende Pêcheux (2014), não são transparentes, ainda que aqueles que enunciam acreditem na transparência de seu dizer, uma vez que são interpelados pela ideologia. Assim é que significamos as coisas do mundo, olhamos para o objeto certos de que ele é o que é, enquanto não percebemos a camada espessa da história, a opacidade que é própria da língua e a multiplicidade dos sentidos outros. Repetindo mais uma vez as considerações de Althusser (1998) em relação à ideologia, criamos relações imaginárias com o real e nesse movimento/interpelação é que, posicionados, significamos.

Na próxima seção, pretendemos apresentar o jogo das formações imaginárias, que expande como a posição assumida no discurso provoca antecipações e projeções imaginárias sobre o lugar do eu e do outro. Além disso, explicaremos a concepção de formações discursivas e os efeitos de sentido no discurso.

¹¹ Segundo Boris e Cesídio (2007) “ Para o capitalismo, o corpo e a sexualidade devem ser controlados para que se forme um operário dócil, que se submete à sua disciplina. Portanto, seu corpo passou a ser usado como um meio para atingir um fim – a produção industrial –, tornando-se submisso ao sistema vigente” (p. 460)

2.3 JOGO DE FORMAÇÕES IMAGINÁRIA E FORMAÇÕES DISCURSIVAS: OS EFEITOS DE SENTIDO NO DISCURSO

Sabemos, a partir da discussão iniciada na seção anterior, que a ideologia interpela a todos os indivíduos em sujeitos. Isso indica que o sujeito não é a origem de si e o que ele diz encontra lugar em uma memória, um já-dito. Os sentidos, dessa forma, não são transparentes e podem mudar a depender da posição que os sujeitos ocupam no discurso. Dito isso, falta-nos discutir, então, como os sentidos, apesar das disputas que sofrem, tornam-se evidentes para os sujeitos.

Para tanto, evocaremos alguns conceitos basilares da AD com a finalidade de explicar como esse fenômeno discursivo se desenrola. O primeiro deles é o de “jogo de formações imaginárias”, explicado por Pêcheux ainda nos primeiros empreendimentos da AD. O jogo de formações imaginárias está relacionado às projeções realizadas pelos sujeitos que ocupam uma posição no discurso. De acordo com Pêcheux (1996)

os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais [...] resulta pois dele que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do ‘patrão’ (diretor, chefe da empresa etc), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis (PÊCHEUX, 1996, p. 82)

Com vistas ao que postula Pêcheux (1996), podemos observar que não é a presença física¹², ou seja, o CPF de alguém com nome e sobrenome que importa, mas o lugar ocupado pelos elementos A e B no discurso. A fim de avançarmos para além do exemplo citado por Pêcheux (1996) – o interior da esfera da produção econômica -, podemos pensar nas posições dos sujeitos no interior do aparelho familiar, os pais, os filhos, os avós, tendo em vista que esses sujeitos também têm suas posições forjadas no discurso. Henry (1990) versa que

A linguagem (ou o jogo, ou a ordem do signo, ou o discurso) não é entendida como uma origem, ou como algo que encobre uma verdade

¹² Na AD a singularidade não é identificada em âmbito individual, a partir dos desejos dos sujeitos. A singularidade na AD “resulta do modo singular com que a ideologia o afeta [o sujeito]. São essas as determinações a que nos referimos quando falamos que a relação com o sentido é mais indireta e mais determinada (pela história, pela ideologia)” (ORLANDI, 2001, p. 100)

existente independentemente dela própria, mas sim como exterior a qualquer falante, o que define precisamente a posição do sujeito, e não como uma coisa em si mesma, como uma substância.” (HENRY, 1990, p. 29)

É a partir dessas posições que as projeções imaginárias se definem, fazendo com que os elementos A e B organizem imagens de si mesmos, de si para o outro, do outro para si e também do referente para ambos, como nos é apresentado nos quadros 1 e 2 abaixo:

Quadro 1: imagens de A e B sobre si e sobre o outro

	Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A	$I_A(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	$I_A(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B	$I_B(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	$I_B(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”

(PÊCHEUX, 1969 [1996, p. 83])

Quadro 2: imagens de A e B sobre R (referente)

	Expressões que designam as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A	$I_A(R)$	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”
B	$I_B(R)$	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele me fala assim?”

(PÊCHEUX, 1969 [1996, p. 84])

Esses lugares funcionam nos processos discursivos como um jogo de formações imaginárias. Portanto, importa saber que o sujeito posicionado nesses pontos A e B estabelecem, criam e antecipam imagens. Nesse segmento, Pêcheux (1969 [1996]) afirma que todo o processo discursivo está engendrado nesse jogo imaginário; jogo esse que sintetiza a concepção de condições de produção do discurso nesse momento teórico da AD.

A noção de condições de produção evidencia que o discurso sempre parte de um “certo *lugar* no interior de uma formação social dada” (PÊCHEUX, 1996, p, 77 – grifos do autor). Como não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, sabemos que esse sujeito interpelado ideologicamente ocupa posições no discurso, o que faz emergir a base para a concepção de formações discursivas (doravante, FD).

Para Pêcheux (2014), uma formação discursiva é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de lutas de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014, p. 147). Aqui, percebemos que as FDs têm uma ligação com as formações ideológicas, que são compreendidas como conjuntos de representações e atitudes, em uma dada formação social, que não são “individuais” nem “universais”, mas que estabelecem relação com posições de classes em conflito e que podem manter relações de antagonismo, de aliança ou de dominação (PÊCHEUX E FUCHS, 1996).

Uma FD define os limites do dizer e sua fronteira pertence a outra FD. Sendo assim, é válido salientar que as FDs são porosas e não são formadas como blocos fechados em si, há relação, atravessamento e dispersão entre elas. Dito de outro modo, uma FD se constitui pelo o que ela é e, conseqüentemente, por aquilo que ela não é e que pertence a outro domínio.

Na FD os sentidos são dados como transparentes/evidentes, ocultando sua relação com o “todo complexo com dominante” das formações ideológicas. Para Gregolin (2005), citando Courtine (1981), uma FD pode ser pensada como “fronteiras que se ‘deslocam’ e cujo movimento é impulsionado pela memória discursiva” (GREGOLIN, 2005, p. 6, *apud* COURTINE, 1981). Gregolin (2005) também sustenta que é necessário “inserir no coração da noção de FD a problemática da memória cujo trabalho produz a lembrança ou o esquecimento, a reiteração ou o silenciamento de enunciados” (p. 6). Dessa maneira, podemos reforçar que a concepção de formação discursiva está intrinsecamente vinculada ao papel assumido pela memória discursiva, sendo essa a força motriz que propicia regulação e desregulação dos enunciados. Em consequência disso, na próxima seção

discorreremos de modo mais detalhado sobre a memória discursiva, dando enfoque em sua ligação com o silenciamento.

2.4 MEMÓRIA E SILENCIAMENTO

É angustiante querer falar quando a ferida na língua ainda está crescendo

(Camadas das memórias em lágrimas, de Monique Malcher)

A produção de sentidos só é possível pelo fato de a língua se inscrever na história. É a partir dessa reflexão que podemos pensar acerca do papel da memória discursiva na construção dos sentidos e na regulação dos enunciados, não a compreendendo como memória individual, como nos adverte Pêcheux (2015), mas como um lugar heterogêneo que “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (...) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2015, p. 46). Segundo Orlandi (2015)

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. (ORLANDI, 2015, p. 29)

Assim, a memória discursiva sustenta o dizer por meio de pré-construídos que se encontram disponíveis na tomada de palavra e, contrariamente do que podemos imaginar, a memória é um espaço heterogêneo e “móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regulação... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2015, p. 50). Nessa direção, voltamos para as questões que giram em torno da sexualidade humana, pois ao mesmo tempo em que a memória regula enunciados ancorados na suposta naturalidade da heterossexualidade e no desvio antinatural da homossexualidade, outros enunciados incomodam essa memória e a conflitam para produzir formulações concorrentes. Zoppi-Fontana (2004) concebe a memória discursiva

como espaço ideológico estruturante/estruturado em que se realiza a interpretação, enquanto efeito necessário da relação simbólica estabelecida entre o sujeito e o real da língua e da história. Efeitos dessa memória se manifestam na linearidade do discurso através de diversos funcionamentos das formas linguísticas, que se constituem em índices das filiações históricas a partir das quais o sujeito produz interpretação (ZOPPI-FONTANA, 2004, p. 90)

De acordo com a pesquisadora, a interpretação se realiza por meio dessa relação entre o sujeito, o real da língua e o real da história. A memória é o lugar não homogêneo e sempre conflitante onde acionamos diferentes filiações históricas e pode ser analisada a partir da materialidade que se apresenta mediante o analista. Essa memória se atualiza, sofre irrupções, abre novas sequências, traz as possibilidades do dizer, se reformula e se repete.

A memória também se diz nos processos identitários dos sujeitos, pensamos no sujeito lésbica, ela se instala e pode ser percebida por meio da narratividade, explicada por Orlandi (2014) como

a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando (seu “pertencimento”) sua existência a espaços e interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas. Isto é narratividade enquanto processo e não como ‘gênero’ como usualmente é definida. (ORLANDI, 2014, p. 77)

Concomitante ao que nos ensina Orlandi (2014), na narratividade podemos analisar o trânsito da memória e seu atravessamento nos sujeitos, a importância desse movimento quando se diz “sou lésbica”, na relação desse dizer com dizeres outros, com formas de silenciar e de resistir. Saber que “não há como não considerar o fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos” (ORLANDI, 2015, p. 53).

O silêncio é uma necessidade primária e, para que a linguagem se estabeleça, é preciso que, antes de qualquer coisa, haja silêncio. Dessa forma, ele é constitutivo da linguagem e, portanto, uma condição para que ela exista. De acordo com Grigoletto (2015)

A forma do silêncio fundante é a base sobre a qual se constrói a dimensão da política do silêncio: é porque o silêncio existe como matéria significativa, sem a qual não há sentido, que o dizer se povoa com alguns sentidos para que outros não sejam ditos e não signifiquem. Mas o silêncio está sempre a irromper os limites do dizer de modo a fazer com o que o não-dito signifique. (p. 232)

Ao tratarmos do silenciamento, que é uma manifestação política do silêncio, falamos de “toda a questão de ‘tomar’ a palavra, ‘tirar’ a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc.” (ORLANDI, 2007, p. 29). Essa política pode se expressar de duas formas: o silêncio constitutivo e o silêncio local.

O silêncio constitutivo é, como já dito, parte de toda produção de linguagem, uma necessidade primeira. Ou seja, ele “pertence à própria ordem de produção de sentido. (...) Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o anti-implícito: se diz ‘x’ para não (deixar) dizer ‘y’, este sendo o sentido a se destacar do dito” (ORLANDI, 2007, p. 73). A associação do silêncio constitutivo com a memória é a de que há sempre sentidos não ditos, silenciados, mas que significam. No segundo caso, o do silêncio local, tratamos da manifestação política do silêncio de modo mais explícito, a da interdição e proibição do dizer. Um exemplo citado por Orlandi (2007) nesse caso é o da censura, que faz calar e que proíbe o dizer.

Contudo, é necessário lembrar que se há silenciamento, há também resistência (2007) e, nessa perspectiva, podemos lançar nosso olhar também para as formas de resistência, mesmo diante da política do silêncio que lateraliza e apaga alguns sentidos e sujeitos. A heterossexualidade compulsória silencia e marginaliza os sujeitos que não se enquadram em seus parâmetros, entretanto, a própria existência desses sujeitos é um meio de resistir contra o silenciamento que eles sofrem.

Mesmo entre as feministas, por muito tempo, as lésbicas foram silenciadas e precisaram reivindicar reconhecimento, como foi o caso da ocupação do Sindicato dos Jornalistas em 1982, quando o grupo feminista SOS Mulher realizava um seminário sobre a violência contra a mulher. Nesta ocasião, integrantes do GALF (Grupo de ação lésbica feminista) ocuparam o seminário e distribuíram panfletos reivindicando que todas as demandas das mulheres fossem tratadas com igual prioridade¹³(FERNANDES, 2018). Por isso, apesar de sempre ter havido, por um lado, silenciamento e invisibilidade contra as lésbicas, sempre houve, por outro lado, resistência por parte desse grupo que, em sua heterogeneidade, lutou e luta pelo direito de existência visível.

Outro exemplo que sublinha a resistência lésbica é a recente conquista na colocação do *L* em destaque na sigla que representa as minorias sexuais e de gênero. Até o ano de 2008,

¹³ O panfleto dizia: “porque a lésbica também é negra, também é mãe, também é dona de casa, é prostituta, operária, está na periferia e, calar a respeito dessas múltiplas opressões também nos torna Cúmplices da Violência” (FERNANDES, 2018, p. 100)

a sigla que designava essas minorias era GLS que, além de apagar a existência de pessoas bissexuais, transexuais, pansexuais, não-binárias e outras, destacava os homens gays e mantinha as lésbicas em uma posição secundária. Como a invisibilidade lésbica se tornou uma pauta discutida, a sigla sofreu modificações. Dessa forma, a luta contra o silenciamento é uma constante nesse grupo, uma vez que, como postula Rich (2012), a heterossexualidade compulsória percebe a experiência lésbica em uma escala que varia entre o desviante, o odioso e o invisível, tendo em vista que é atribuído um inatismo de que mulheres, naturalmente, pertençam aos homens.

A próxima seção é destinada para detalhar a metodologia desta pesquisa de dissertação. A seção se divide em duas partes: a primeira, uma rápida contextualização da pesquisa a fim de retomar os pontos nodais de sua formação e caracterizar o *corpus* que a compõe; A segunda para elencar como esse *corpus* foi analisado

3. METODOLOGIA

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho tem como proposta uma pesquisa de base qualitativa, cujo *corpus* será analisado sob a luz da análise do discurso materialista. O *corpus* deste trabalho é constituído pelo curta-metragem *Sair do Armário*, de Marina Pontes, produzido em 2018 e veiculado pelo canal Kinobox no Youtube. Além do vídeo, cuja duração é de três minutos e cinquenta e nove segundos, serão analisados os comentários gerados a partir da exibição do vídeo no canal. O recorte de seleção dos comentários foi feito a partir dos seguintes critérios: i. os comentários deviam tocar no assunto do vídeo – alguns dos comentários eram apenas uma sinalização de como as pessoas chegaram até o canal; ii. os comentários reagem ao conteúdo do vídeo retomando a enunciação presente no vídeo. Com isso, foram selecionados nove comentários do material disponível no Youtube.

Para a análise mobilizaremos alguns conceitos da Análise do discurso materialista como os de formações imaginárias (PECHÊUX, 1969); posição-sujeito no discurso (HENRY, 1990; PECHÊUX, 2014); formações discursivas (PECHÊUX, 2014); memória discursiva (ACHARD, 2014) e silenciamento (ORLANDI, 2007). Além das contribuições da AD, a análise também conta com algumas proposições provenientes da teoria *queer*, se apoiando, em especial, em alguns estudos de Butler (2020) e Sedwick (2007).

Na próxima subseção, são apresentados os procedimentos pelos quais a materialidade será analisada.

3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Em seu livro *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*, Orlandi (2015) remonta as etapas principais de uma análise. Essas etapas são definidas pela pesquisadora no quadro 3 a seguir:

Quadro 3: Procedimento de análise na AD

1ª Etapa: Passagem da	Superfície linguística	Texto (discurso)
	para o	
2ª Etapa: Passagem do	Objeto Discursivo	Formação Discursiva
	para o	
3ª Etapa:	Processo discursivo	Formação ideológica”

Quadro proposto por Orlandi (2015, p. 76)

Portanto, nesta proposta, pretende-se seguir as orientações de Orlandi (2015). A análise linguística será realizada a fim de de-superficializar o que se apresenta como materialidade linguística. Nesse sentido, propõe-se que se atente para o próprio texto e crie um crivo que indique o que se diz, como se diz, em que circunstâncias foi dito etc. Essa etapa é essencial para questionar os efeitos de evidências que indicam que o que foi dito só poderia ser dito daquela maneira e não outra. A partir disso, faz-se a passagem para o objeto discursivo, dando início à análise da discursividade, ou seja, passa-se a procurar o caminho rumo aos processos discursivos. É nesse momento que se observa o “modo de construção, a estruturação, o modo de circulação e os diferentes gestos de leitura que constituem os sentidos do texto submetido à análise” (ORLANDI, 2015, p. 65).

Por fim, na análise dos processos discursivos busca-se identificar os processos de paráfrase, metáfora e sinonímia, buscando compreender a relação do que foi dito com a historicidade da própria língua. É neste momento que buscamos pistas capazes de direcionar para a historicidade do dizer. Aqui, é possível “explicitar o modo de constituição dos sujeitos e de produção de sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 66).

Segundo Orlandi (1999, p. 4) “pensar a forma material é assim abrir espaço para pensar a relação estrutura/acontecimento (M. Pêcheux, 1981) no batimento metodológico entre descrição e interpretação”. Em consonância com o que é apontado por Orlandi (1999), a análise das etapas sugeridas ocorrerá por batimentos, o que significa dizer que serão alternados os momentos de descrição da materialidade linguística/estrutural e os gestos de interpretação possibilitados a partir da descrição da materialidade.

A primeira materialidade a ser analisada será o documentário *Sair do Armário* (2018). Para tanto, a noção de formações imaginárias proposta por Pêcheux (1990 [1969]) será fundamental, tendo em vista que o *corpus* nos permite, a partir dessa noção, analisar a

interpelação dos sujeitos a partir de suas posições e projeções imaginárias no discurso. É por meio desse jogo de imagens que nos será permitido percorrer as etapas de análise postuladas por Orlandi (2015).

A segunda materialidade a ser analisada diz respeito aos comentários feitos ao vídeo no canal *Kinobox*, no Youtube. O *corpus* nos permite iniciar a análise a partir da noção de “sair do armário” para a família, noção essa que aparece em diversos comentários. Nesse sentido, a metáfora do armário se apresenta como fio condutor para se compreender os efeitos de sentido do discurso lesbofóbico no interior do aparelho familiar.

Por fim, apresentamos uma breve discussão a partir do material analisado até o presente momento. Nessas reflexões, buscamos retomar os objetivos desta pesquisa e apresentar alguns desdobramentos possíveis a partir de nosso trabalho

4. ANÁLISE

O discurso lesbofóbico não é uma exclusividade do aparelho familiar. Ele está presente em outros aparelhos e pode violentar lésbicas em níveis diversificados, partindo desde insultos até violências físicas e estupros corretivos, em especial para lésbicas masculinas¹⁴ (as chamadas *caminhoneiras*, por exemplo). A lesbofobia, conforme nos aponta Leonel (2011), tem algumas particularidades devido ao seu vínculo com o machismo estrutural que oprime as mulheres, se intensificando à medida em que estas são inseridas em outros grupos minoritários (PRADO e JUNQUEIRA, 2011). Sendo assim, transexuais, pessoas com deficiências, pobres, negras e periféricas vivenciam a lesbofobia de modo mais intenso e explícito.

De acordo com Louro (2014), a lógica dicotômica, ou como chama Preciado (2020), a divisão binária, pode nos confundir e nos levar a acreditar em um pensamento simplista que divide os sujeitos entre dominadores e dominados. Contudo, quando se trata, por exemplo, das divisões entre homens e mulheres, é de suma importância que consideremos o fato de que os “sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades etc.” (p. 37)

No caso das lésbicas a intensidade da violência deriva do fato de que o machismo estrutural, na perspectiva do sexismo, coloca a mulher como objeto na sua relação com o homem. As lésbicas fogem à interpelação desse discurso, fundado na ordem do machismo, tendo em vista que elas não se submetem como objeto de desejo do homem, o que as marginalizam duplamente (RICH, 2012). Segue que a lésbica, nesse contexto, provoca no homem, interpelado pelo discurso machista-monogâmico-capitalista, o sentido de não dominação do corpo que, aprioristicamente, é dado como propriedade dele. Isso acontece pela recusa daquilo que foi sedimentado pela heteronormatividade e pelo machismo estrutural. A lésbica desafia o poder do homem qualificado e submetido pelo discurso do machismo, estrutura que organiza as formas da sexualidade: primeiro, por não se submeter ao desejo do homem e, conseqüentemente, por recusar o lugar de sua interpelação projetado por esse discurso.

¹⁴ Utilizamos o termo masculinas concordando com Judith Halberstam (1998), em seu livro chamado “Female Masculinity”, no qual afirma que as masculinidades não são exclusivamente para os homens, além de serem múltiplas e plurais, existem masculinidades sem homens.

O material de análise deste estudo não se voltará para as singularidades que sabemos existir na intersecção entre os sujeitos da sociedade amplamente desigual do Brasil, mas para os efeitos de sentido que o discurso lesbofóbico produz no âmbito familiar, de um modo geral. À vista disso, buscamos analisar a produção de sentido desse discurso, bem como as formas em que a política do silêncio (ORLANDI, 2007) opera nele e quais são os lastros de memória deixados nos enunciados que permitem compreender a produção de sentidos da lesbofobia familiar. Para essa finalidade, primeiramente, será feita a análise do curta metragem *Sair do Armário* (2018) e, posteriormente, a análise dos excertos dos comentários que estarão na subseção: Família, Homossexualidade e a Relação com o armário: efeitos de sentido do discurso sobre o armário.

Considerando nosso objeto de pesquisa, focaremos como referente o descobrimento do outro diferente de mim. Esse outro diferente da projeção imaginária que se cria dele, cuja base de sustentação está na ordem do discurso heteronormativo, que funda a sexualidade na biologia e identifica biologia, gênero e sexualidade. Neste momento, é bom frisarmos que, no material sobre o qual debruçamos essa análise, ou seja, no nosso *corpus*, são identificadas, majoritariamente, apenas filhas e, em alguns casos, netas, e não as mães ou outras membras da família que relatam experiências de lesbofobia ou apreensão de sofrer o preconceito dentro de casa. Contudo, devemos advertir que essas mulheres (mães, tias, avós) também podem ser alvos de lesbofobia no interior do núcleo familiar.

No quadro 4 a seguir temos a íntegra do que é dito no curta-metragem de Marina Pontes, *Sair do Armário* (2018). Para fins de identificação, neste primeiro quadro optamos por destacar em negrito as sequências referentes às falas da mãe e manter a fonte padrão nas sequências discursivas da filha.

QUADRO 4: Transcrição do vídeo *Sair do armário* (2018)

Então

Então...Só que minha vida amorosa também acontece, mamãe

Deixa isso... deixa isso de lado, que que eu posso falar pra você? que assumo? Faz o que você quer? Não é assim, Ma

Eu sei... mamãe, eu não estou te pedindo

Você tá me comunicando sua situação

Eu estou te comunicando, que é isso mesmo... e que pode ser que um dia eu namore de novo... pode ser que um dia eu mude com essa pessoa...

Deus me livre! Espera eu morrer primeiro, tá? Eu não quero ver isso

E é por isso que eu tô te comunicando, não quero que seja uma surpresa, não quero ter que ficar escondendo mais, porque você é minha mãe e eu acho que mesmo você não gostando, você tem que saber de tudo que acontece na minha vida... porque você é minha mãe. ... e é isso, se você não quer que eu me exponha, eu não vou me expor, não preciso por em lugar nenhum, não preciso fazer isso... só quero que você saiba que eu, eu não tenho vergonha disso, porque não sou uma pessoa ruim por causa disso.. eu não sou uma pessoa nojenta por causa disso.. eu sou uma ótima pessoa do jeito que eu sou.

(silêncio)

Ó, Ma, deixa eu só falar uma coisa pra você.. meu pensamento sobre isso não mudou e nunca vai mudar.

Eu não tenho esperança disso

Tá? Isso não tá em nenhuma possibilidade de... de eu aceitar uma situação dessa.. não tá.. eu não sei explicar pra você... com a mesma convicção que você (eu sei) você fala que isso é de você, pra mim isso não é .. tá.. (eu sei) como eu não posso mudar você, você também não pode mudar eu .. eu não tenho como mudar.. agora se você acha que isso é.. que tá dentro de você, que Deus fez você assim, que você é sempre assim, aí é um risco que você vai correr.. só peço uma coisa: não, não exponha-se ao ridículo .. de fazer os outros engolir a sua situação, porque ninguém precisa engolir isso.. porque pra mim isso é ridículo, isso não é uma coisa natural.. infelizmente eu não tenho outra palavra pra falar pra você.. queria ser mais amável, mas eu não consigo ser... e se um dia você arrumar uma namorada, jamais eu quero vê essa namorada na minha frente.. jamais.. não quero nem saber nome.. e uma coisa eu falo pra você, você vai sofrer muito.. tá? Vai sofrer muito com isso.. o único conselho que eu teria pra te dar, já que você diz que é assim.. fica sozinha.. é o menos pior pra você.. você vai sofrer menos (pausa curta) porque como sua mãe eu não quero que você sofra.. muito menos, preconceito dos outros (pausa curta) já basta o meu e o do seu pai

Podemos começar analisando o contraste existente entre os verbos “pedir” e “comunicar” nas sequências discursivas: “mamãe, eu não tô *pedindo*” (filha) e “Você tá me

comunicando sua situação” (mãe). Observamos, nesse caso, um distanciamento e uma consequente quebra de expectativas que envolvem as posições estabelecidas – mãe e filha. Essas sequências evidenciam que, aprioristicamente, a filha, obedecendo sua interpelação nessa posição, deve pedir permissão à mãe, mas, dessa vez, ela marca que não se trata de um pedido e recebe como resposta a complementação de que ela está apenas “comunicando” e isso independe da permissão da mãe. O contraste existente entre os dois verbos aponta para um fechamento do diálogo, já que a ação indica um comunicado, independente, pelo menos neste momento, da permissão do outro.

O referente é retomado pela filha, ao reiniciar a abertura de interação com a mãe, dizendo: “Eu estou te comunicando, que é isso mesmo”. Em seguida, ela modaliza sua fala, ao usar duas vezes, como marcador, a expressão “pode ser” nas sequências: “*pode ser* que um dia eu namore de novo... *pode ser* que um dia eu mude com essa pessoa...”, o que contradiz, de certa forma, a sequência em que ela diz que “minha vida amorosa também acontece” – não acontecia, nem pode acontecer, mas acontece no presente e sem modalizações. Podemos relacionar essa modalização ao modo como o sujeito imagina o referente (R) e a imagem desse referente para o outro, provocando uma antecipação, como postula Pêcheux (1996): o ponto de vista da filha (A) sobre a lesbianidade (R), de que lhe falo assim, antecipando a recepção de (B), a mãe que tem uma imagem da lesbianidade (R) que não é “namoro” (R). Ao dizer isso, a filha, em um primeiro momento, retoma o lugar da mãe e, para assumir seu lugar de filha, nega a representação das relações lésbicas (R) como namoro.

No curta-metragem, as projeções feitas pelos sujeitos interpelados por posições pré-estabelecidas no discurso pelo contexto sócio-histórico e pela memória¹⁵, como postula Orlandi (2015), podem ser apreendidas de modo mais nítido. Os quadros 5, 6 e 7 representam alguns recortes que possibilitam observar como essas projeções foram feitas no momento em que se “sai do armário”. No quadro 5, buscamos observar quais são as imagens que a filha, interpelada por essa posição, cria de si própria, quais são as projeções que esse sujeito cria de si para o sujeito com quem ela fala, a mãe, e também quais são as projeções que a filha tem da mãe. Já no quadro 6, tentamos observar quais as imagens que a mãe, também interpelada por essa posição, projeta sobre si para si, sobre si para a filha e

¹⁵ Para a autora, as projeções “permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso” (ORLANDI, 2015, p. 38) e as posições “significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo e o já-dito)” (ORLANDI, 2015, p. 38)

sobre a imagem que tem da filha. Por fim, o quadro 7 tenta dar conta das projeções em torno do objeto de que se fala, sendo esse, majoritariamente, a “vida amorosa”.

QUADRO 5: Projeções da filha (A)

Imagem da filha sobre ela mesma – A - A	Imagem da filha sobre a mãe – A - B
“não sou uma pessoa ruim”	“mamãe”
“não sou uma pessoa nojenta”	“porque você é a minha mãe e eu acho que mesmo você não gostando, você tem que saber de tudo que se passa na minha vida ... porque você é minha mãe”
“eu sou uma ótima pessoa do jeito que eu sou”	“se você não quer que eu me exponha, eu não vou me expor, não preciso pôr em lugar nenhum”

No quadro 5, a imagem que a filha tem de si mesma está sempre vinculada com o referente. Não obstante, é por meio do contraste com a imagem que a mãe pode ter do referente que a filha projeta sua própria imagem. Esse contraste é introduzido pelo advérbio de negação “não” em dois momentos – “não sou uma pessoa ruim” e “não sou uma pessoa nojenta”. Assim, ela antecipa o pensamento da mãe, ou seja, o sujeito A tem uma imagem de si que busca se constituir na relação com a imagem que ela tem da imagem que a mãe tem do referente. No entanto, o que está em jogo, principalmente, é a imagem que A (a filha) tem da relação mãe-filha. Afinal, quem é a filha para a mãe e quem é a mãe para a filha? Ainda, sendo a mãe quem é, como é possível falar com ela sobre as relações com o outro, sendo essas relações dissidentes da heteronormatividade pressuposta como evidência? Aqui, o sujeito filha projeta sua própria imagem marcando, linguisticamente, o que ela não é, concluindo que “eu sou uma ótima pessoa do jeito que eu sou”.

Neste momento, cremos ser válido observar os adjetivos empregados nesse contraste do não ser – ruim e nojenta. Aqui, não temos apenas a projeção de imagem de si para si, mas também de si para o outro e do próprio referente para o outro. A homossexualidade, conhecida por esse termo no fim do século XIX, bem como as comunidades judias e negra, foi alvo de governos totalitários do século XX, entre eles, o nazismo. Um dos fatores que tornaram a vida desses sujeitos indignas de serem vividas foi a destituição da humanidade dessas vidas. Para Glucksman (2007), o discurso de ódio aposta nesse deslocamento do humano para o status de uma coisa, ou uma peste (caracterizar o outro como uma ameaça, um vírus, uma praga, por exemplo), para se fundar. Nesse sentido, a antecipação feita pela filha evoca uma formulação regulada na memória de que a homossexualidade pode deslocar as projeções da mãe sobre a filha – conhecida pela mãe, amada pela mãe, chamada carinhosamente pela mãe (Ma) -, para uma outra, a projeção que a mãe tem da homossexualidade que, entre outras coisas, é vista como algo ruim e nojento, visão nociva à sua existência enquanto ser humano. Em adição, essa afirmação, que segue a lógica do não ser, ou seja, a lógica de ruptura com as projeções que esbarram no nojento e ruim para finalmente se dizer ótima pessoa, também se firma no fato de a homossexualidade vincular-se na memória como uma patologia e como uma delinquência, conforme aponta Hocquenghem (2009):

A homossexualidade não somente é uma categoria de delinquência, mas também uma categoria patológica. No sentido da psiquiatria, sem dúvidas, mas em primeiro lugar no sentido mais físico: se drogas e homossexualidade estão geralmente citadas juntas nos discursos oficiais é porque parecem ocupar o mesmo lugar na degeneração. (HOCQUENGHEM, 2009, p. 42 – tradução nossa)¹⁶

O adjetivo que contrasta com essa visão negativa do ser ruim e nojenta é o “ótima” evidenciado em “eu sou uma ótima pessoa do jeito que sou” – uma mulher lésbica, embora haja, à primeira vista, uma dificuldade de se dizer com todas as letras, fazendo com que expressões sem referência sejam comuns: “do jeito que sou”, ou seja, a própria filha reluta em nomear sua homossexualidade como tal. Assim, a proposição “eu sou uma ótima pessoa do jeito que sou” entra em concorrência com as projeções homofóbicas em torno da

¹⁶ La homossexualidad no sólo es una categoría de delincuencia, sino también una categoría patológica. En el sentido de la psiquiatría, sin duda, pero en primer lugar en el sentido más físico: si droga y homossexualidade están generalmente citadas juntas en los discursos oficiales es porque parecen ocupar el mismo lugar en la degeneración. (HOCQUENGHEM, 2009, p. 42)

homossexualidade. Se se constrói a noção de que ser lésbica é algo nojento e ruim, e se essa noção é regulada e possível de ser dita, também se constrói e também se regula a noção de que a homossexualidade não altera o caráter do sujeito. Portanto, o enunciado, apesar de ser construído por aquilo que a filha não é, indica que ser lésbica não apaga a posição de “ótima pessoa” (cidadã/mulher/filha) que se conhecia antes de saber de sua sexualidade.

Ainda no quadro 5, quando analisamos as projeções que a filha faz da mãe, notamos o respeito à hierarquia que essa posição pressupõe no interior do AIE familiar. Ao falar “mamãe”, a filha projeta os laços de quem a criou e reclama o amor entre mãe e filha. Modesto (2015) indica que há um duplo contrato pressuposto na relação entre mãe e filha/o. Para a autora, nestes contratos todos os filhos devem ser heterossexuais e, no caso do segundo, todas as mães devem amar incondicionalmente os seus filhos, ainda que o primeiro contrato não se cumpra (MODESTO, 2015, p. 152).

O contrato que diz respeito ao amor incondicional da mãe é projetado pela filha em “porque você é a minha mãe e eu acho que mesmo você não gostando, você tem que saber de tudo que se passa na minha vida ... porque você é minha mãe”. O enunciado que se repete duas vezes como justificativa última da necessidade de contar para a mãe sobre “tudo que se passa” reforça a posição do sujeito-mãe no discurso, pois ela se torna um argumento máximo, uma justificativa em si mesma. Mesmo assumindo que o que tem a ser dito pode não ser agradável, a interpelação dos sujeitos, que ocupam um lugar no discurso os obrigam a enfrentar o referente. Aqui, o que entra em jogo não é apenas a imagem que a filha tem de sua mãe, mas a representação do discurso social sobre o sujeito- mãe, sujeito que, mesmo “não gostando”, deve “saber de tudo” por ser mãe. Há um afetamento da história sobre o simbólico, constituindo o sentido de mãe e integrando-o ao jogo de projeções imaginárias. Contudo, as pressuposições da família, que se constitui como espaço primário de acolhimento e amor incondicional, enfrentam um limite que não pode ser ultrapassado neste momento, a lesbofobia é esse limite, ela o desenha.

O rompimento com o primeiro contrato, firmado na heteronorma, ameaça a solidez do segundo. Nesse sentido, há uma aparente abertura por parte da filha iniciada na sequência discursiva: “se você não quer que eu me exponha, eu não vou me expor, não preciso pôr em lugar nenhum”. A aparência se dá na medida que, apesar da abertura, a filha não reivindica sua sexualidade, pois a tem silenciada ao se ver obrigada a ceder o grau de exposição dessa sexualidade que se afasta da norma. Dessa forma, lança-se mão da

exposição – “não preciso pôr em lugar nenhum” – para se manter a relação pressuposta entre esses sujeitos que ocupam e são interpelados pelas posições mãe e filha no discurso. Mais adiante, discutiremos com maior profundidade a metáfora do armário – lugar que dá título ao curta analisado, “sair do armário. O que podemos notar é o retorno ao interior desse lugar para preservar a integridade do contrato do amor incondicional da mãe. Para Sedgwick (2007),

Mesmo num nível mais individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas [...]. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e de física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição (SEDGWICK, 2007, p. 22)

Nesse ponto, gostaríamos, antes de mais nada, de estabelecer uma breve relação entre o que postula Sedgwick (2007) e a concepção de aparelho ideológico de Estado, nos termos de Althusser (1998). Repetindo, novamente a pesquisadora, “até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja *pessoal, econômica ou institucionalmente* importante para elas [...]” (SEDGWICK, 2007, p. 22 – grifos nossos). Em um paralelo com Althusser (1998), notamos uma tríade que, curiosamente, é a base para a colocação dos sujeitos LGBTQIAP+ no armário: pessoal – que compreendemos estar ligado às relações intersubjetivas dos sujeitos no próprio aparelho ideológico; econômica – que retoma à hegemonia das classes dominantes nos AIEs e institucionalmente – que é a maneira pela qual os AIEs aparecem de imediato ao enunciador. Observemos, então, que a manutenção das minorias sexuais e de gênero no armário está sempre imbricada, em um âmbito mais amplo, às ideologias das classes dominantes nos e sobre os AIEs.

Portanto, conforme nos indica Sedgwick (2007), o armário é esse lugar de saída e de retorno constantes, já que as relações intersubjetivas e a dominação heterossexual nos AIEs criam, necessariamente, novos armários em torno dos sujeitos LGBTQIAP+. Portanto, o paradigma observado nas sequências discursivas analisadas é o de que, ao mesmo tempo em que se “sai do armário” para a mãe, a filha se mantém nesse lugar para a sociedade, em uma busca de menor afetação para o sofrimento da mãe. Aqui, relembramos Foucault (2014) ao afirmar que o sexo, colocado no discurso, faz com que haja um

dispositivo de sexualidade que dita o que é verdadeiro sobre ele e que coloca sobre a família um núcleo em sofrimento com seus “doentes”. Sendo assim, se a filha é silenciada em sua própria sexualidade e se submete a ter parte de sua vida apagada, ela retira de circulação o que reflete sobre o cristal familiar, ela o livra, ou crê livrá-lo, dessa posição.

No próximo quadro partiremos para a análise das proposições feitas a partir de outra posição, a de mãe. O quadro 6 tenta capturar algumas sequências discursivas que envolvem, principalmente, mas não unicamente, as imagens projetadas nessa posição.

QUADRO 6: Projeções da mãe (B)

Imagem da mãe sobre si	Imagem da mãe sobre a filha
“Espera eu morrer primeiro, tá?”	“Ma”
“você também não pode mudar eu”	“eu não posso mudar você”
“eu não tenho como mudar”	“você vai sofrer muito”
“queria ser mais amável, mas não consigo ser”	“fica sozinha... é o menos pior pra você”
“Como sua mãe, eu não quero que você sofra”	

No quadro 6, podemos observar uma recorrência do verbo “mudar” nas projeções da mãe. A impossibilidade de mudança é o principal efeito de sentido produzido nas sequências em que o verbo aparece, uma vez que está sempre acompanhado por “não poder” e “não ter” como ambas mudarem uma à outra. Diante desse entrave, a questão da mãe não poder mudar a filha – “eu não posso mudar você” – e da impossibilidade da filha, na mesma proporção, de poder mudar a mãe – “você também não pode mudar eu” e “eu não tenho como mudar” -, duas condições são ponderadas. A primeira delas é quando se diz “espera eu morrer primeiro, tá?”. Nesse caso, quando a filha indica a possibilidade de se relacionar com uma outra mulher, a mãe reage com o apelo de que a filha aguarde sua morte para viver a relação. De acordo com Butler (2018)

Para garantir a reprodução de uma determinada cultura, vários requisitos, bem estabelecidos na literatura antropológica do parentesco, dispuseram a reprodução sexual dentro dos limites de um sistema de casamento de base heterossexual, o que requer a reprodução de seres humanos de certos modos generificados que garantam efetivamente a consequente reprodução desse sistema de parentesco (BUTLER, 2018, p. 8-9)

Portanto, a partir desse excerto, podemos concluir que a família é o berço da reprodução da heterossexualidade atravessada pelas demandas sociais de manutenção de uma dada cultura. A interpelação ideológica sofrida pela mãe sinaliza um não reconhecimento quando a filha não reproduz a heterossexualidade. Quando isso acontece, segundo Butler (2018), “certos modos de punição e recompensa” (p. 10) são ativados no âmbito familiar. A evidência, na família, de uma falha na reprodução de subjetividades normativas gera frustração, e é nesse ponto em que a mãe pede que a filha aguarde sua morte para namorar outra mulher. Assim, silencia-se a falha na réplica da heteronormatividade e a sexualidade da filha, vista como desvio. O que investe a mãe do poder desse pedido é a sua posição social enquanto mãe. Ela reclama isso em sequências como: “Como sua mãe”, demonstrando a responsabilidade e a autoridade de estar neste lugar. Além disso, o que investe de poder e protege o discurso da mãe é a ideologia heterossexual marcada como natural.

A pressão do amor incondicional limitado pela lesbofobia pode ser percebida na sequência “queria ser mais amável, mas não consigo ser”. Ser amável é um desejo que interpela o sujeito no discurso que ocupa a posição de uma mãe. Contudo, sua constituição como sujeito dentro do discurso social que organiza a família a partir de FDS heteronormativas a impossibilita de exercer a amabilidade que se espera. O conflito é marcado pela adversativa que se coloca entre o querer e o conseguir (eu queria, **mas** não consigo).

Por fim, a segunda ponderação da mãe mediante todas as impossibilidades de mudança surge em forma de uma proposta. Assim, a solidão é colocada como uma saída possível, como cura. Sustentada pelo argumento do sofrimento ao qual lésbicas estão sujeitas graças à lesbofobia, a sugestão da solidão é apresentada como possibilidade capaz de balizar essa dor. Se tentarmos entender como isso se constrói discursivamente no acontecimento, perceberemos qual lógica é empregada na conclusão de que estar sozinha é a melhor das opções.

O alerta evidenciado em “você vai sofrer muito” sugere que a mãe saiba qual o tratamento dado às pessoas LGBTQIAP+. Dessa forma, existe um pré-construído de que a

lesbofobia gera sofrimento às lésbicas e isso surge em forma de uma constatação, ou seja, não é que você possa sofrer, ou que você deva sofrer, afirma-se: você vai sofrer e não será pouco. Contudo, apesar dessa memória acionar o sofrimento proveniente de uma forma de preconceito, memória que relembra as mazelas enfrentadas pelos corpos dissidentes, isso não faz com que a mãe enxergue a lesbofobia como problema, mas sim a sexualidade tida como desviante. Sendo assim, há um reforço de sua posição – “e como sua mãe eu não quero que você sofra” -, e o silenciamento por meio da solidão como proposta: “fica sozinha... é o menos pior pra você”.

De acordo com Orlandi (2007), o silêncio é constitutivo da linguagem. À vista disso, o silêncio não é compreendido como falta, mas a linguagem como excesso e, dessa forma, ele também significa. Entretanto, entre as formas do silêncio, sua forma política é a que faz operar o silenciamento. Para a pesquisadora, a política do silêncio se apresenta de duas formas ligadas. A primeira delas é a do silêncio constitutivo, que “trabalha nos limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer” (ORLANDI, 2007, p. 74). Essa primeira forma está associada ao recorte que se faz quando se diz algo, pois necessariamente deixa-se de dizer outra coisa possível, mas indesejada. A segunda forma de existência da política do silêncio é a do silêncio local, caracterizado, por exemplo, pela censura, é a “manifestação mais visível dessa política: a da interdição do dizer”. As duas formas não devem ser separadas como categorias independentes, contudo, também não devem ser confundidas.

Portanto, a proposição “fica sozinha... é o menos pior pra você” silencia outras formas possíveis, indicando, no fio do discurso, a posição assumida pelo sujeito. Em adição, essa proposição censura a filha na medida em que o diálogo se fecha sobre a lógica da completa impossibilidade de mudança de ambas as posições, pelo menos no momento em que isso é dito, seguido de uma preocupação pelo sofrimento da filha e a proposta de solidão como a escolha de menor prejuízo.

Portanto, estar sozinha, ou seja, não se relacionar com homens, mediante a impossibilidade de mudança, e não se relacionar com mulheres, mediante o argumento do sofrimento, são tratados como uma espécie de cura, o que invisibiliza a existência lésbica ao passo que há fomento para anulação dessa existência. Muito disso se apoia no machismo e no seu conseqüente falocentrismo, que desconsidera relações sexuais não pautadas no sistema de penetração pênis-vagina do regime cis-heterossexual dominante.

Nesse sentido, a lesbofobia e o silenciamento imbricados na proposta de solidão, embora como mãe haja, de fato, o medo pelo sofrimento, têm base na invisibilização da existência lésbica. Entre todas as possibilidades, inclusive a de acolhimento familiar, ser só é a que evitaria, de acordo com a mãe, o sofrimento e a exclusão social e familiar. A reação da mãe não é um caso isolado de lesbofobia familiar. Segundo Leonel (2011) é

Importante notar que na convivência surgem os maiores conflitos. Estando por perto durante a maior parte de suas vidas, os familiares são os mais citados pelas lésbicas como discriminadores, seguidos de colegas de escola ou trabalho. É de se esperar que, à medida que gays e lésbicas exponham sua homossexualidade, aumente também o desconforto daqueles que estão próximo a eles. Desconforto que se manifesta muitas vezes por atitudes homofóbicas veladas que podem ser ou não percebidas como discriminação (LEONEL, 2011, p. 95)

Como berço da reprodução heterossexual, é de se esperar que a família seja, constantemente, como postulado por Leonel (2011), um ambiente hostil para as lésbicas. Como é sua função gerar sujeitos heterossexuais, também passa a ser sua função solucionar e regular os corpos que se desviam dessa norma, o que pode ocasionar sofrimento para todos os sujeitos do aparelho familiar. No final do século XIX, quando a sexualidade se torna pauta do meio médico e científico, a família passa a ser a base que necessita de auxílio de outros domínios (FOUCAULT, 2014). A regulação do sexo, da verdade sobre o sexo, cria uma perspectiva binária de patologia e cura, discurso que atravessa diferentes formações discursivas e que transforma a homossexualidade em uma doença/pecado passível de ser solucionada. Nas sequências analisadas a solução/cura, pelo menos de maneira provisória, é a solidão.

No próximo quadro, 7, este será o foco: observar a homossexualidade como referente no jogo imaginário dentro das projeções a partir das posições discursivas.

QUADRO 7: Projeções da filha (A) e da mãe (B) sobre o referente da lesbianidade (R)

O referente “vida amorosa” do lugar da filha	O referente “vida amorosa” do lugar da mãe
“eu não tenho vergonha disso”	“deixa isso... deixa isso de lado”

“não sou uma pessoa ruim por causa disso”	“Espera eu morrer primeiro, tá? Eu não quero ver isso”
“eu não sou uma pessoa nojenta por causa disso”	“meu pensamento sobre isso não mudou e nunca vai mudar”
	“Isso não tá em nenhuma possibilidade de... de eu aceitar uma situação dessas”
	“agora, se você acha que isso é... que tá dentro de você, que Deus te fez assim (...) aí é um risco que você vai correr (...) só peço uma coisa: não, não exponha-se ao ridículo... de fazer os outros engolir sua situação”
	“porque pra mim isso é ridículo”
	“isso não é uma coisa natural”
	“fica sozinha, vai sofrer menos”

No quadro 7, o que chama atenção logo de início é o uso do pronome demonstrativo *isso* (e *disso* = *de isso*) nas projeções advindas de ambos os sujeitos. Nesse segmento, o referente parece não ter nome, ser um objeto tabu que não deve ter seu nome pronunciado. Pêcheux (1996) chama de efeito metafórico o “fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse ‘deslizamento do sentido’ entre *x* e *y* é constitutivo do ‘sentido’ designado por *x* e *y*; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos ‘naturais’” (p. 96). Ademais, Pêcheux (2015) também formula que

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva

possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PÊCHEUX, 2015. P. 53)

A partir dessas noções articuladas por Pêcheux sobre os efeitos metafóricos e da condição instável dos enunciados, que deixam pontos de deriva possíveis de serem interpretados, propomos que os enunciados proferidos a partir das posições analisadas possam ser apresentados da seguinte forma:

Sujeito-filha

Disso (de + isso): o que não deve ser motivo de vergonha – “eu não tenho vergonha disso” – de ser isso;

Disso: o que não faz do sujeito alguém ruim – “não sou uma pessoa ruim por causa disso”;

Disso: o que não a torna nojenta – “eu não sou uma pessoa nojenta por causa disso”.

Sujeito-mãe

Isso – O que é passível de ser abandonado – “deixa isso... deixa isso de lado”;

Isso – Retoma o sentimento de repulsa - “Espera eu morrer primeiro, tá? Eu não quero ver isso”;

Isso – Novamente é reforçada a impossibilidade de mudança - “meu pensamento sobre isso não mudou e nunca vai mudar” e “Isso não tá em nenhuma possibilidade de... de eu aceitar uma situação dessas”;

Isso – Assume que a filha é referenciada junto ao referente – “agora, se você acha que isso é, que tá dentro de você”;

Isso – Caracteriza o referente – “porque pra mim isso é ridículo” e “isso não é uma coisa natural”.

Como evidenciado, o uso dos demonstrativos não trata o referente da mesma forma a depender da posição em que é enunciado. Para a filha o demonstrativo indica um referente que a constitui enquanto sujeito, está colado à sua posição no discurso, se confunde com ela. Ao dizer o que ela não é apesar de, ela diz do próprio referente. Logo, se ser lésbica não a torna uma pessoa ruim e nojenta, a homossexualidade também não é, por consequência, ruim e nojenta. Ela aciona uma regulação da memória para romper com

essa memória¹⁷. O mesmo acontece com a “vergonha” que ela diz não ter; assim, o próprio referente não é motivo de vergonha.

Em contraposição, o referente tratado pela mãe no discurso aponta para um referente distante, algo que não comunga espaço no lugar que ocupa. Dessa mesma forma, ela vê o referente distante da própria imagem da filha, já que pode ser deixado de lado, pode ser separado, colocado à parte.

Observemos, então, quais os deslizamentos de sentido possíveis a partir das sequências em que “isso” e “disso” aparecem tanto para a filha, quanto para a mãe:

Disso – deslizamentos de sentidos possíveis a partir das sequências discursivas enunciadas pela filha:

- Não a faz sentir vergonha, portanto pode ser motivo de orgulho/indiferença/honra, pode ser digno/ético;
- Não é ruim, portanto pode ser bom/indiferente/humano/virtuoso;
- Não é nojento, portanto pode ser agradável/indiferente/limpo/asseado;

Isso – deslizamentos de sentidos possíveis a partir das sequências discursivas enunciadas pela mãe:

- Pode ser deixado de lado, portanto pode ser dispensável/supérfluo/acessório/irrelevante;
- Provoca impossibilidade de mudança de pensamento por ser ridículo e não natural; portanto, pode ser algo caricato/vulgar/absurdo/ilógico e alterado/alienígena/estranho/antinatural/inverossímil.

Algo semelhante acontece com as sequências enunciadas pela mãe em “nenhuma possibilidade de... de eu aceitar uma situação dessas” e “fazer os outros engolir sua situação”. Nesse caso, o referente tratado como uma situação que pertence à filha é

¹⁷ A memória que se evoca em torno da homossexualidade acionada no discurso pode ser recuperada em diferentes textos bíblicos, como, por exemplo, em Romanos, Apocalipse 21:8 e aqueles que falam das cidades destruídas por Deus, Sodoma e Gomorra. Além disso, há pouco mais de três décadas, a homossexualidade era listada como doença mental pela OMS, o que só foi ratificado em 1992. Em 70 países a homossexualidade é tida como crime – em alguns deles ela é criminalizada com pena de morte, como é o caso da Arábia Saudita.

acompanhado pelos verbos aceitar e engolir, conferindo um poder de alguém que aceita, ou não, e de alguém que engole, ou não, a homossexualidade da filha. No primeiro caso, a mãe é investida por esse poder e apresenta a completa impossibilidade de aceitar a sexualidade da filha. Dito de outra forma, a escolha pelo verbo aceitar pressupõe uma mobilidade, a concretude do poder. Ora, se é possível aceitar, também é possível recusar. Portanto, a mãe assume o poder de aceitação, mas se recusa a conceder o referente como algo palatável. Já no segundo caso, um novo fator é acrescentado, pois percebemos que esse poder não se concentra apenas na mãe, mas também nos “outros”, que não devem sofrer a obrigação de “engolir” a homossexualidade da filha. Esbarramos, então, na justificativa pacífica que fundamenta a lesbofobia: os outros não precisam engolir a homossexualidade, ou seja, o referente é tratado nas sequências analisadas como uma situação pertencente apenas à filha – “sua situação”.

Os sentidos em torno do referente são distintos a depender da posição do sujeito no discurso, o que aciona diferentes FDs, evidenciando que os limites do dizer de uma FD fazem surgir as possibilidades de existência de outra. O que é silenciado na FD x é possível na FD y e vice-versa. Além disso, o que observamos nas sequências discursivas é a recuperação do referente que não necessita, ou não pode ser nomeado. Nesse sentido, quando percebemos que em todos os casos o referente é dito a partir do uso de um demonstrativo, nos deparamos com uma dupla interdição do dizer. A homossexualidade é falada, mas nunca nomeada na materialidade do texto analisado. Para Foucault (2008)

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. *Tabu do objeto, ritual da circunstância*, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” (FOUCAULT, 2008, p. 9 – grifos nossos)

Em consonância com o que postula Michel Foucault (2008), percebemos o objeto como um tabu reforçado ainda pelo ritual da circunstância, a revelação da homossexualidade para a mãe e toda a questão que envolve o evento de “sair do armário”. Retomamos, nesse ponto, o fato de o sexo ter sido incitado a ser dito, confessado, explicado, para, então, se produzir uma verdade sobre ele (FOUCAULT, 2014). É essa prática da confissão que, em nosso material de análise, faz os sujeitos acreditarem na necessidade de se falar da sexualidade, e é também essa necessidade que a transforma em tabu do objeto: ao mesmo tempo em que precisa ser dito, deve ser dito de modo cuidadoso.

Em resumo, o sexo é transformado em segredo para que possa ser revelado (FOUCAULT, 2014).

Em um primeiro momento, a análise das posições dos sujeitos no discurso no acontecimento analisado nos possibilitou a formulação de algumas considerações a respeito do discurso lesbofóbico no aparelho familiar. O referente é acoplado ao sujeito-filha no discurso, pois ela só formula a sua própria imagem a partir de sua intrínseca relação com o objeto sobre o qual se fala. Para isso, a filha precisa evocar as filiações históricas que regulam uma memória, necessariamente, negativa em torno do referente para tentar, por meio da negação, romper com essa memória. Ou seja, a cristalização estereotípica do discurso lesbofóbico em geral pressupõe aprioristicamente a homossexualidade como crime/pecado/perversão/doença. Essa memória se desloca a partir do discurso da filha, outros sentidos são movimentados, embora haja uma recusa em nomear o referente, ele a compõe. Em adição, a sexualidade como objeto que constitui a filha não é passível de ajustes, mas o grau de exposição dessa sexualidade sim, o que remete à questão do armário como regulação e autorregulação dos desvios da heteronormatividade.

Considerando o sujeito-mãe na materialidade analisada, o que notamos é um reforço incessante sobre a impossibilidade de se “aceitar” o referente como possibilidade de existência. Além disso, esse reforço é enrijecido pela ideia de imutabilidade, marcada linguisticamente na superfície do texto. Contudo, apesar de mostrar que não pode mudar a si própria nem a filha, clama-se para que a filha espere pela sua morte para que viva sua homossexualidade, ou que fique sozinha como saída de menos dano para a própria filha, o aconselhamento como cura para o problema. O silenciamento é marcado por esse conflito que pressupõe o esmagamento da sexualidade sobre argumentos que se baseiam na morte da mãe, ou no sofrimento que a sexualidade homossexual causará à filha.

Por fim, em relação ao referente, o que observamos nos pontos de deriva deixados, principalmente pelo uso do pronome demonstrativo isso/disso, é que a construção de sentidos é afetada a depender das filiações históricas das FDs que sustentam as posições dos sujeitos. Sendo assim, há um confronto firmado na disputa de significação do referente, confronto esse marcado pela caracterização/descrição do objeto. Porém, um aspecto curioso é a não-nomeação do objeto, apesar da exaustão de se falar dele a todo instante e de este atravessar o discurso de ambos os sujeitos, o que o coloca como objeto-tabu, nos termos de Foucault (2008). Além disso, observamos a atribuição do referente

como “situação” que pertence à filha. Com isso, o que percebemos é a manutenção da ordem do referente na forma como o discurso constitui esse referente. Afinal, a filha encontra-se em uma "situação", é diferente, é um fora do sujeito. Ademais, essa é uma “situação” da qual mãe e “os outros” devem ser poupados, já que são instituídos pelo poder materno ou de enquadramento à norma, podem aceitar/engolir, ou não, a homossexualidade dos sujeitos.

Em relação a esse último tópico, cremos ser importante compreender em qual instância a filha pode exercer sua sexualidade, já que “sua situação” é negada pela mãe e pela sociedade, o que se estabelece a partir do discurso heterossexual. Com vistas nisso, analisamos as noções de “dentro” e “fora” no discurso materno sobre a “situação” atribuída à filha.

4.1 NEM DENTRO, NEM FORA: OS ESPAÇOS NEGADOS E A IMPOSSIBILIDADE DE SER

No vídeo *Sair do Armário*, encontramos sequências discursivas, principalmente no discurso da mãe, que evocam as noções de “dentro” e “fora”. Como a sexualidade da filha é, conforme já postulado, tratada como uma “situação” da qual deve ser poupada a comunidade heterossexual de modo geral, buscamos confrontar esse discurso e encontrar em quais espaços a homossexualidade, segundo os parâmetros da heterossexualidade, deve acontecer. De acordo com Wittig (2007)

Os discursos que particularmente oprimem a todos nós, lésbicas, mulheres, e homens homossexuais, são aqueles que assumem que o que funda a sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade. Esses discursos falam sobre nós e alegam dizer a verdade de maneira apolítica, como se qualquer desses signos pudessem escapar do político nesse momento da história, e como se, no que nos diz respeito, pudessem existir signos politicamente insignificantes. Esses discursos da heterossexualidade nos oprimem no sentido de que eles nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles [...] Esses discursos nos negam qualquer possibilidade de criar nossas próprias categorias. Mas sua ação mais feroz é a tirania implacável que exercem sobre nossos eus físico e mental. (p. 53 – tradução nossa)¹⁸

¹⁸ The discourse which particularly oppress all of us, lesbians, women, and homosexual men, are those discourses which take for granted that what founds society, any society, is heterossexuality. These discourses speak about us and claim to say the truth in an apolitical field, as if anything of that which signifies could scape the political in this moment of history, and as if, in what concerns us, politically

Segundo Wittig (2007), o discurso da heterossexualidade nega a possibilidade de criação de categorias que sejam próprias dos sujeitos LGBTQIAP+. Em outros termos, só é possível que os não-heterossexuais falem a partir da deriva do discurso heterossexual, das possibilidades que surgem a partir desse discurso, que se configura como o originário, não marcado, capaz de determinar as categorias que surgem de sua matriz inconfundível e natural. Retomamos um trecho do vídeo no qual as noções de “dentro” e “fora” no discurso da mãe inauguram um espaço conhecido pelos sujeitos LGBTQIAP+: o armário.

Vejamos como isso acontece a partir do recorte feito no quadro 8:

QUADRO 8 – As relações “dentro” e “fora”

Ó, Ma, deixa eu só falar uma coisa pra você.. meu pensamento sobre isso não mudou e nunca vai mudar.

Eu não tenho esperança disso

Tá? Isso não tá em nenhuma possibilidade de... de eu aceitar uma situação dessa.. não tá.. eu não sei explicar pra você... com a mesma convicção que você (eu sei) você fala que isso é de você, pra mim isso não é .. tá.. (eu sei) como eu não posso mudar você, você também não pode mudar eu .. eu não tenho como mudar.. agora se você acha que isso é.. que tá dentro de você, que Deus fez você assim, que você é sempre assim, aí é um risco que você vai correr.. só peço uma coisa: não, não exponha-se ao ridículo .. de fazer os outros engolir a sua situação, porque ninguém precisa engolir isso.. porque pra mim isso é ridículo, isso não é uma coisa natural.. infelizmente eu não tenho outra palavra pra falar pra você.. queria ser mais amável, mas eu não consigo ser... e se um dia você arrumar uma namorada, jamais eu quero ver essa namorada na minha frente.. jamais.. não quero nem saber nome..

insignificant signs could exist. These discourses of heterosexuality oppress us in the sense that they prevent us from speaking unless we speak in their terms [...] These discourses deny us every possibility of creating our own categories. But their most ferocious action is the unrelenting tyranny that they exert upon our physical and mental selves. (p. 53)

Analisemos esse trecho na perspectiva do silêncio e de sua forma política, o silenciamento. No primeiro fragmento, identificamos a fala da mãe que afirma a impossibilidade de mudanças na forma como pensa. Como resposta, a filha diz: “Eu não tenho esperança disso”. Em seguida, a mãe continua sua justificativa e, ao fundo, a filha diz duas vezes “eu sei”, “eu sei” e, na medida em que a mãe tece sua fala, a voz da filha desaparece e não volta a surgir até o final do vídeo.

A partir do silêncio imposto à filha, a hegemonia do discurso heterossexual se presentifica e marca uma delimitação. Dito de outra forma, o discurso heterossexual, materializado no *corpus* na fala da mãe, estabelece como a filha lésbica deve agir e ser, mas, antes disso, precisa silenciá-la. Ao firmar-se na imutabilidade, na firmeza que existe em se dizer da incapacidade de mudança, uma voz se mostra absoluta e silencia a outra, que se diz sem “esperança”, pois não há mais o que fazer – é imutável -. A voz que permanece é aquela tida como sempre já-lá.

Ao analisarmos a relação estabelecida entre a noção de “dentro” e “fora” no discurso da mãe. Esse “dentro” não se refere ao ambiente privado da família, da casa, do segredo entre quatro paredes, é, na verdade, um “dentro” que se limita a um sujeito que não pode ser, nem dentro de casa, nem fora dela, como podemos confirmar nas sequências: “agora se você acha que isso é.. que tá *dentro* de você [...] não, não *exponha-se* ao ridículo .. de *fazer os outros engolir* a sua situação, porque *ninguém precisa engolir* isso, e se um dia você arrumar uma namorada, *jamais eu quero ver* essa namorada na minha frente.. *jamais.. não quero nem saber nome*..”

Se lançarmos luz para os verbos dos trechos destacados das sequências da mãe, teremos:

- “exponha-se” (fora);
- “fazer” e “engolir”; “precisa engolir” (dentro);
- “ver” e “saber” (a partir do que está fora)

Ao relacionarmos os verbos às noções de “dentro” e “fora”, identificamos que não há espaço para a filha ser lésbica. Em outras palavras, dentro de casa a mãe afirma jamais querer ver ou saber das relações amorosas e, logo, da sexualidade da filha. Fora de casa, a mãe sublinha que a filha não deve se expor, nem fazer com que as pessoas engulam essas relações. Logo, para não estar “dentro” das pessoas, confrontando a heterossexualidade da

comunidade, – “ninguém precisa engolir” -, é preciso que esteja encerrado a si, é preciso que esteja dentro de si, que não seja visível para o outro. Os espaços são anulados a partir da relação dentro/fora e define-se um lugar de invisibilidade, a inexistência das possibilidades de ser e de posicionar-se no mundo – basta se lembrar de que isso culmina na proposta de solidão, que constrói a ideia do ser só e não ser visível.

Retomando as colocações de Wittig (2007), quem cria as categorias, ou pelo menos os sentidos de “dentro” e “fora”, no nosso caso, é o discurso da heterossexualidade materializado na fala da mãe. Sendo assim, o armário, objeto que trataremos no próximo tópico, é uma criação da comunidade heterossexual para o encerramento da sexualidade do sujeito, logo, o encerramento do próprio sujeito, tendo em vista que o referente (a sexualidade dissidente) o constitui. Diante disso, podemos identificar a construção da noção de armário como o encerramento da subjetividade lésbica em si mesma. Como os espaços são negados pela norma – pelo discurso heterossexual -, cria-se um lugar da invisibilidade. Apesar do título dado ao vídeo ser “Sair do Armário”, essa ação é negada, silenciada, não encontra espaço.

A partir da análise do curta-metragem “Sair do armário”, de Marina Pontes (2018), e da importância que o armário assume nos discursos acerca da sexualidade, seguiremos para a análise dos comentários registrados no Youtube após a exibição do vídeo no canal Kinobox. Os comentários são pequenas narrativas em reação ao contato com o curta. No próximo tópico, focaremos nos efeitos de sentido dos discursos familiares tendo como base a noção de armário.

4.2 FAMÍLIA, HOMOSSEXUALIDADE E A RELAÇÃO COM O ARMÁRIO: EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO SOBRE O ARMÁRIO

Como vimos, a referência do armário é corriqueira para a comunidade LGBTQIA+. Como título do curta-metragem percebemos um frequente retorno a esse lugar comum entre os sujeitos que comentaram o vídeo no canal. Mesmo quando o termo não aparece na materialidade linguística do *corpus* desta pesquisa ele é falado, sua existência está marcada no discurso.

Ora, se existe um “sair do armário”, ou seja, um fora, também existe, em consequência, um estar dentro, como quem está dentro de um *container*. Portanto, o par dentro/fora retoma, mais uma vez, os binarismos que acompanham nossa formação social,

entre eles os pares homo/heterossexual, normal/anormal, aceitável/inaceitável. Nesse sentido, Sedwick (2007) disserta que

Todo um conjunto das posições mais cruciais para a contestação do significado da cultura ocidental do século XX está consequente e indelevelmente marcado pela especificidade histórica da definição homosocial/ heterossexual, particularmente, mas não exclusivamente masculina, desde mais ou menos a virada do século. Entre essas posições figuram, como já indiquei, os pares segredo/revelação e privado/público. Ao lado desses pares epistemologicamente carregados, e às vezes, através deles, condensados nas figuras do ‘armário’ e do ‘assumir-se’, essa crise específica de definição marcou por sua vez outros pares tão básicos para a organização da cultura moderna, como masculino/feminino, maioria/minoria, inocência/iniciação, natural/artificial (...) Tão espalhada tem sido a mancha dispersa da crise homo/heterossexual que discutir quaisquer desses índices em qualquer contexto, sem uma análise anti-homofóbica, acabaria, talvez, por perpetuar compulsões implícitas em cada um deles sem o saber (SEDWICK, 2007, p. 28-29)

Como indica a pesquisadora, temos nos significado e nos organizado a partir de dicotomias fundantes, principalmente a partir dos pares homo/heterossexual. Aparentemente, a discussão em torno do armário se torna crucial para demarcar o assentamento binário do ocidente em relação aos fundamentos que giram em torno da verdade acerca do sexo e da invenção da homo/heterossexualidade. Ainda a esse respeito Sedwick (2007), concordando com as proposições foucaultianas a respeito da incitação de se falar do sexo, de descrever suas verdades e de indissociá-lo do conhecimento, escreve que “em certo sentido, foi um processo postergado de desfolhar a gênese bíblica pela qual o que hoje conhecemos como sexualidade é fruto – aparentemente, o único fruto – a ser colhido da árvore do conhecimento” (p. 29). Portanto, dada a importância da sexualidade em nossa organização social, falar sobre a verdade do sexo é conhecê-lo, é experimentar um fruto proibido, mas desejável.

A sequência de comentários selecionados e expressos no quadro 9 foi escolhida para analisar, sobretudo, a grande metáfora do armário como um espaço comum na vivência de lésbicas. Portanto, nessa análise focaremos em como esse espaço é dito nos comentários referentes ao curta metragem e como o discurso em torno dele se constitui em sua relação com a família.

Quadro 9: Sequências de comentários

Comentário 1	Nossa, esse filme mexeu muito comigo a primeira vez que vi. Por ser lésbica também, eu já senti o medo e a dor da não aceitação. Eu demorei vários anos até contar pra minha avó que eu estava namorando uma mulher. Quando eu parava para pensar, eu não achava que ela me abandonaria, mas mesmo assim tive medo. Às vezes acontece com quem a gente menos espera... <i>[sic]</i>
Comentário 2 (em resposta ao comentário 1)	Quando eu for contar, eu vou gravar áudio (emoji de apreensão). Logo logo vai chegar esse dia, mas tardar agosto. Estou esperando só conseguir um apartamento para alugar. não por mim!!mas pela minha companheira. Pois sei q a mãe dela vai colocar ela pra fora. <i>[sic]</i>
Comentário 3	Cara! Acho que isso representa um resumo muito bom da realidade de quem se assume pra pais que ficam “”em cima do muro””. Lembro dos discursos que ouvi de certas pessoas, o clássico “eu te amo independente de qualquer coisa, mas..” Complicado é quem fala esse tipo de coisa e no final teme o preconceito dos outros com seus filhos, sem perceber o preconceito que sai da própria boca. Sem conceber o apoio que eles dão àquilo que eles dizem temer. “Já basta o meu e o do seu pai”, achei justo esse final. <i>[sic]</i>
Comentário 4	Eu sou lésbica, mas... Eu n falei pros meus pais por q se eu for na casa de alguma menina eles vao achar q eu to namorando, e se eu n contar, quando eu for namorar escondido ou algo do tipo eles nem vao perceber e vao achar que é só uma amiga. <i>[sic]</i>
Comentário 5	Minha (mãe? Família?) é preconceituosa, já sair do armário, mesmo assim é luta diária, pois já estou cansada das palavras que machuca, as pessoas não precisa aceita, só respeita, e respeito é o que falta em muita gente, mas indo dos pais machuca mas, eu vendo esses relatos do filme chorei, coração doeu fiquei triste pq é minha história, temos que luta pra q o preconceito acabei 100% principalmente das pessoas q a gente ama que saímos pais <i>[sic]</i>

Comentário 6	Eu não sou exatamente lésbica, mas sou bissexual, e atualmente estou sentindo atração por uma garota... Medo de falar pros meus pais e eles agirem assim <i>[sic]</i>
Comentário 7	Estou com 20 anos... tenho muito medo d não ser aceita, mas não pretendo esconder por mais tempo...homossexualidade é natural oque não tem cabimento é as pessoas querem decidir é impor um padrão, a homofobia é triste pq é ignorância estúpida... o ser humano que segue padrões de definição que não desrespeita em nada ou atrapalha a vida deles e realmente racional?, é racional uma pessoa quer se meter na vida da outra sendo que tem uma vida que merece atenção mas mesmo assim preferiu cuidar da do outro ... e burrice é inveja... pq quem se arrisca q enfrenta td para ser feliz é não da palpite na vida do outro não liga para o q faz os outros ou deixou de faz se não prejudica ninguém, são pessoas q desperta incômodo pq nasceram para serem livres... coisa q eles não tem coragem de fazer pq o preconceito não liberta e não deixa ver além, são mentalidades de azeitona bem pequena ... (emoji de arco-íris) viva a liberdade, eu vou ser quem sou... Já sofri muito mais agora tenho maturidade para saber oq faz bem e como não ficar d cabeça baixa para preconceitos, homofobia, etc... sempre tive mas agora estou mais consciente e plena...
Comentário 8	Já que você diz que é assim, fica sozinha, é o menos pior pra você, você vai sofrer menos” PQP, ninguém merece ficar SOZINHO dona Maria. Mano ouvir um negócio desses da pessoa que a gente ama deve doer pra caralho. Quando eu contei para a minha mãe, na verdade quando minha mãe descobriu, ela disse que preferia uma filha prostituta pq ao menos gostava de homens e depois começou a chorar. Em fim, difícil ter que ouvir uns trem desse de quem deveria de uma certa forma nos amparar e apoiar apesar de não concordar. <i>[sic]</i>
Comentário 9	Por isso temos que dar visibilidade para o tema e dar voz para essas mulheres. Tem muitas lésbicas absolutamente libertas e

	profetizando como é o caso da pós-banda Horrorosas Desprezíveis. [sic]
--	---

O título do curta-metragem, “sair do armário”, marca um momento de revelação, acontecimento em que alguém conhecerá uma parte oculta da vida do sujeito. O que torna isso um marco é a memória que constrói esse momento como traumático, em especial quando se trata da descoberta da própria família.

Os comentários 1, 5, 6 e 7 têm em comum enunciados que invocam a não aceitação, ou o desrespeito. Percebemos que esses são motivos que prolongam ou prolongaram o evento que constitui a saída do armário, dessa forma prolongando também a estadia dos sujeitos no interior deste. Nesse sentido, em 1 é dito que “por ser lésbica também senti o medo e a dor da não aceitação”, em 5 “as pessoas não precisa aceita, só respeita”, em 6 “medo de falar pros meus pais e eles agirem assim” e em 7 “tenho muito medo de não ser aceita”. Os sentimentos comuns são aqueles que dizem respeito ao medo, à dor e ao abandono que podem surgir a partir da confissão.

Como já abordado neste trabalho, a prática da confissão se difundiu e passou a ser reclamada em diferentes âmbitos sociais a partir do século XIX - nos confessionários, nos consultórios e, porque não, na família. Portanto, confessar a sexualidade, como quem confessa um crime, carrega essas apreensões que limitam as subjetividades ao armário até o momento propício para a revelação do que foi transformado em segredo. O medo, a dor e o abandono são formas de regulação e autorregulação provocadas pela ideologia heteronormativa dominante – deve-se temer, deve doer, o abandono é uma possibilidade de punição perante seu erro – e nisso se constitui a clivagem do sujeito ao Sujeito¹⁹. A ideologia que interpela os sujeitos nesse discurso se ampara na lógica de que se há algo para ser confessado (mais uma vez, como alguém que confessa um crime), há alguém com poder para aceitar, respeitar e não abandonar o sujeito que confessa, alguém com certo poder de perdão/absolvição, alguém que se enquadra na norma.

Portanto, os sujeitos que aparecem nos comentários estão posicionados em uma mesma FD. A partir dessa posição, reconhece-se que estar fora do armário, ter seu segredo revelado para a família, confessar-se, pode gerar um confronto de exclusão familiar pela antecipação que permite que o “orador experimente (...) o lugar de ouvinte de seu próprio

¹⁹ O Sujeito (com a inicial maiúscula) corresponde, segundo Althusser (1998), a um ponto central num edifício ideológico, em torno do qual se interpela os indivíduos em sujeito.

lugar de orador” (PÊCHEUX, 1990, p. 77). Aqui recordamos as palavras de Pêcheux (1990):

o processo discursivo não tem de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as ‘deformações’ que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido (PÊCHEUX, 1990, p. 77)

É nesse movimento de alteridade que os sujeitos-lésbicas antecipam a imagem que o interlocutor faz do referente e são silenciadas por eles, mantendo o segredo distante da família. Esse silenciamento pode ser evidenciado em alguns excertos dos comentários selecionados para essa seção. Podemos notá-lo por meio de marcas temporais, que indicam prolongamento para a confissão, como (7) “Eu demorei *vários anos* até contar pra minha avó que eu estava namorando uma mulher”; pela falta de expectativa em revelar o segredo, o que gera o apagamento da vida amorosa para a família, marcada, principalmente, por condicionais (4): “Eu n falei pros meus pais por q *se eu for na casa de alguma menina* eles vao achar q eu to namorando, e *se eu n contar, quando eu for namorar escondido* ou algo do tipo eles nem vao perceber e vao achar que é *só uma amiga.*”; ou, a partir da antecipação, pela preparação de saídas para que a exclusão não seja surpresa, como em (3) “Logo logo vai chegar esse dia, mas tardar agosto. *Estou esperando só conseguir um apartamento para alugar. não por mim!!mas pela minha companheira. Pois sei q a mãe dela vai colocar ela pra fora*”. De acordo com Junqueira (2015)

a vigilância das normas de gênero cumpre papel central na *pedagogia do armário*, constituída de dispositivos e práticas curriculares de controle, silenciamento, invisibilização, ocultação e não-nomeação que agem como forças heterorreguladoras de dominação simbólica, (des)legitimação de corpos, saberes, práticas e identidades, subalternização, marginalização e exclusão (JUNQUEIRA, 2015, p. 110 – grifos do autor)

A não aceitação e o desrespeito marcados nos enunciados são modos de manutenção da heterossexualidade, da inibição e do silenciamento das lésbicas pela ideologia heteronormativa familiar a partir da pedagogia do armário, que se encontra em diferentes AIEs. Algo é dito antes de se dizer, há pré-construídos que legitimam a antecipação do medo, da dor e do abandono. Assim, os sujeitos anulam suas subjetividades a fim de não sofrer as punições e exclusões do estar fora, do se mostrar e do ser visto.

A análise dos comentários em relação à metáfora do armário, bem como a bibliografia sobre a qual nos ancoramos para poder falar sobre o assunto, nos faz acreditar que a biopolítica do poder faz com que o armário seja fruto higienizante de uma tentativa de regulação das dissidências, tendo como base a estrutura binária na qual o ocidente se divide, em especial a dicotomia homo/heterossexual, com a predominância e a regulação da heterossexualidade em detrimento da homossexualidade. Em consequência disso, há uma busca pelo silenciamento das subjetividades que confrontam e denunciam a ficcionalidade desse regime binário, cujas normas são parafraseadas discursivamente para não serem esquecidas, já que não são cridas como naturais ou biológicas.

Em adição, o armário é recorrente, ou seja, embora os sujeitos consigam sair dele em determinadas condições e para determinados sujeitos, há uma grande possibilidade de retorno em outras condições com outros sujeitos, o que se evidencia, por exemplo na sequência discursiva (5) “já sair do armário, mesmo assim é luta diária, pois já estou cansada das palavras que machuca”. Sair do armário, nesse caso, não é uma ação definitiva, uma vez que se sai há probabilidade de retorno. Ainda, o armário também se mostra como espaço de preparação e organização dos desviados das normas de gênero e de sexo e sua saída envolve, nos casos analisados, um planejamento prévio, embora em alguns momentos isso possa não ocorrer, como em (8) “Quando eu contei para a minha mãe, na verdade quando minha mãe descobriu, ela disse que preferia uma filha prostituta pq ao menos gostava de homens e depois começou a chorar”.

No caso desse último exemplo, notamos a regulação que se tenta fazer para encaixar o sujeito na categoria heterossexual, pois a profissão das prostitutas é destituída de prestígio social no Brasil²⁰. No entanto, ao dizer que prefere uma filha prostituta, afirmando que dessa maneira ela se interessaria por homens, a mãe firma a relevância que tem a heterossexualidade e a regulação da sexualidade da filha.

Por fim, os efeitos de sentido do não ser aceita ou respeitada pela família têm suas consequências fundadas pela identificação com os binários hétero/homossexual. Assumir-se lésbica, portanto, é, no interior dos parâmetros regulatórios dicotômicos, encarar a chance do abandono familiar, da dor e do medo provenientes desse abandono, e, mais ainda, ser categorizada pelo desvio.

²⁰ Para Medeiros (2018), “ No Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX, conforme Andrade e Teixeira (2004), a prostituição era fortemente condenada, porém tolerada, pois satisfazia a suposta necessidade sexual dos homens” (p. 97)

A respeito desse tópico, o último comentário, apresentando o nome da pós-banda das (9) “lésbicas libertas e profetizando”, indica a assunção do desvio e sua resignificação pelas lésbicas como (9) “Horrorosas Desprezíveis” (nome da banda). Essa inversão de valoração dos termos horrorosas e desprezíveis provoca um movimento nos sentidos, já que desloca as atribuições necessariamente negativas/anormais para uma possibilidade de existência que tem como consequência a liberdade e a proliferação dos discursos sobre essa liberdade, mais uma vez “lésbicas libertas e profetizando”, discursos que ameaçam a estabilidade da norma. Em resumo, o que encontramos aqui, tanto no comentário, quanto no nome da banda, é a ruptura com uma sequência parafrástica que prolifera discursos lesbofóbicos. Assim, inaugura-se uma nova sequência elaborada a partir da apropriação de termos negativos e da abertura para novos efeitos de sentido, ou seja, usa-se categorizações organizadas pelos discursos lesbofóbicos contra eles próprios como estratégia de resistência – são horrorosas e são desprezíveis, mas estão livres e profetizando acerca dessa liberdade.

5. REFLEXÕES FINAIS

A análise apresentada nesta dissertação nos possibilita ler algumas pistas que remontam aos objetivos desta pesquisa, sendo eles: i. analisar os efeitos de sentido no discurso lesbofóbico, quando há manifestação de lesbofobia no interior do AIE familiar, a partir dos pressupostos teóricos da análise do discurso materialista proposta por Michel Pêcheux e colaboradores. ii. identificar quais as memórias que são evocadas nesse discurso no AIE familiar; iii. identificar quais são as especificidades desse discurso nesse AIE específico e iv. verificar quais são as formas de silenciamento e resistência engendradas nele.

Sair do armário, noção fortemente presente no *corpus* de nossa pesquisa, se constitui como um evento de confissão, de revelação de um segredo indesejado. Conforme nos indica Foucault (2008), a confissão acerca do sexo sai, no século XIX, dos limites do confessionário da igreja e passa a se difundir em diferentes âmbitos da sociedade. Assim, a família adquire a responsabilidade de cuidar de seus doentes, entre eles os homossexuais, tendo o apoio de outros aparelhos ideológicos e se tornando o cristal do dispositivo de sexualidade. Como sabemos, a família é, de um modo geral, o berço da reprodução da cis-heterossexualidade e, em casos de lesbofobia, percebemos que a homossexualidade quando

tomada como referente acessa regulações em disputa no espaço não homogêneo da memória discursiva.

No documentário *Sair do Armário*, notamos que o referente, no discurso da filha, se confunde com a imagem do próprio sujeito-filha. Dito de outra forma, no discurso da filha percebemos o imbricamento da homossexualidade à sua constituição enquanto sujeito, uma condição de ser. Dessa forma, ao defender sua imagem das projeções lesbofóbicas da mãe, ela também busca romper com formulações negativas acerca da homossexualidade. Para isso, a filha evoca formulações reguladas na memória discursiva que tratam a homossexualidade e os homossexuais como ruins e nojentos e quebra essas sequências por meio da negação delas. Em contrapartida, a mãe retoma, por meio de paráfrase, pré-construídos que esboçam o referente como algo inevitavelmente antinatural e ridículo, algo que não se constitui como possibilidade de existência.

Retornando à disputa de sentidos em torno da homossexualidade, dizemos que ela se pauta pela inscrição dos sujeitos em diferentes FDs. Enquanto a mãe parafraseia enunciados que arrastam uma cadeia de sentidos depreciativos, provenientes de FDs atravessadas por formações ideológicas homofóbicas e que, entre outras coisas, se alicerçam pela concepção de que há uma sexualidade correta, natural e normal, a filha rompe, em certa medida, com essa cadeia parafrástica, confrontando as produções de sentidos do discurso lesbofóbico. Essa disputa de sentidos no AIE familiar acontece pela negação dos sentidos atribuídos à homossexualidade, mas também pelo apelo às posições sociais mãe e filha, sendo esta uma aparente especificidade do discurso lesbofóbico na família.

A mãe, interpelada por essa posição e inscrita em FDs que caracterizam a homossexualidade negativamente, rejeita a não-reprodução da heterossexualidade que projetou para a filha. Esse apelo é feito por meio de duas propostas. A primeira diz respeito ao pedido para que a filha espere por sua morte para que possa se relacionar com mulheres. A segunda é sobre estar só, não se relacionar nem com homens, nem com mulheres, sobre o argumento de que essa escolha traria menos sofrimento.

O primeiro apelo é voltado para a própria mãe que prefere ser poupada das relações afetivo-sexuais-amorosas de sua filha, sugerindo que isso aconteça após sua morte. Aqui notamos uma estratégia discursiva que encurrala a filha, uma vez que esta, para ter a liberdade de se relacionar, precisa projetar a morte da mãe. Para viver sua sexualidade, segundo a mãe, ela precisa perdê-la. O segundo apelo é voltado para a filha, pois ao indicar

que esta sofrerá, a mãe prevê a solidão como uma saída possível, ignorando a privação da vida afetivo-amorosa desse sujeito.

A filha se vê obrigada a ceder ao ser silenciada pelas propostas da mãe, uma vez que, quebrado o primeiro contrato – embasado em sua heterossexualidade pressuposta -, é possível que haja prejuízo em relação à permanência do segundo, que pressupõe um amor incondicional da mãe para com a filha. Sendo assim, a filha cede o grau de exposição de sua sexualidade. Essa cessão retoma as postulações de Sedwick (2007), que afirma que dificilmente um LGBTQIAP+, por mais assumido que seja, estará completamente fora do armário para todas as pessoas, novos armários se constroem em volta dos sujeitos nas diferentes relações intersubjetivas. A filha, assumindo uma posição de culpa onde é colocada, promete que a exposição de sua sexualidade não será vista por ninguém; isso permanecerá no interior do AIE familiar, será ainda um segredo guardado, a falha da família em reproduzir um sujeito heterossexual não será exposta para além dos limites do lar.

Contudo, mesmo essa exposição limitada ao AIE familiar sofre um silenciamento. Em meio às paráfrases da mãe, percebemos que é estabelecida uma noção de “dentro” e “fora” que apontam para o lugar do invisível, para uma ausência. Nesse sentido, no discurso da mãe, a filha não teria expressão de sua sexualidade, uma vez que não pode ser lésbica dentro de casa, no âmbito do privado, e também não pode ser lésbica fora de casa (fazendo os outros engolir sua situação). Mediante essa perspectiva, a filha não tem possibilidade de se inscrever como um sujeito lésbica, ela é silenciada e sentenciada a não ocupar um espaço de visibilidade, tendo em vista que sua sexualidade a constitui como sujeito.

É preciso também nos atentar para a forma como o referente é tratado nas sequências discursivas analisadas. Ele não tem nome, é a palavra proibida apesar da saturação em se dizer dele, não é pronunciado abertamente e só pode ter sua existência referida como “isso”, “disso” e “essa situação”. Apostando nas discussões foucaultianas sobre a interdição do dizer, notamos se tratar de um objeto-tabu reforçado, ainda, pelo ritual da circunstância. Ou seja, a sexualidade que se desvia da heteronormatividade deve ser confessada, discutida, mas seu nome é impronunciável e isso deve ser respeitado, tendo em vista que se trata de uma revelação, ela é interdita. Apesar disso, os sentidos da homossexualidade se movimentam e são negociados a depender do sujeito que enuncia sobre ela. Nesse movimento, observamos pontos de deriva que reforçam sentidos negativos

e outros que resistem a essas categorizações buscando se apoiar em sentidos novos, abrindo novas sequências possíveis.

Outrossim, na análise dos comentários selecionados para a segunda subseção, nos chamam atenção os processos de regulação e silenciamento da dissidência sexual dos sujeitos. Notamos que o retardo da saída do armário acontece graças a projeções e antecipações compartilhadas, sendo as mais comuns o medo, a dor e o abandono como possibilidades de reação pelos membros da família das lésbicas. Nesse sentido, o armário se torna um instrumento de mutilação da sexualidade não heteronormativa, pois ele posterga ou inibe a revelação do segredo a ser confessado (como um crime).

Assim, observamos que a relação da família com o armário é uma relação de manutenção das regras de sexo (o mesmo se aplica ao gênero) padronizadas. Portanto, voltamos às dicotomias homossexualidade/heterossexualidade, natural/artificial, verdadeiro/falso; como se toda a existência humana pudesse ser categorizada em apenas dois grandes blocos, um que carrega os sentidos da verdade e outro que necessariamente é seu oposto, que abarca os sentidos falsos, ou ainda, o *nonsense*.

Concluimos, se é possível concluir um assunto tão complexo quanto esse, sendo qualquer tentativa de conclusão mais uma reflexão que abre múltiplas e novas questões, que os efeitos de sentido do discurso lesbofóbico no AIE familiar são múltiplos e multifacetados. No entanto, percebemos que o silenciamento do sujeito lésbica é um dos maiores fios de condução desse discurso em família. Nesses moldes, esse sujeito vê sua sexualidade negada, o que faz surgir a concepção do armário ou da solidão lésbica.

O referente, nesse discurso, é o não-nomeado, a palavra proibida dentro da sacralidade familiar, não se deve pronunciá-lo, mas no ato de uma confissão ou descoberta, ele é exaustivamente caracterizado e descrito, processo parecido com o que ocorre com o discurso acerca do sexo, conforme indica Foucault (2014). Embora seja negado nome à lesbianidade da filha, os sentidos vazam por outras porosidades linguísticas e é no “isso” e “disso”, fundamentalmente, que vamos acessar como esses sentidos se constituem no discurso analisado. Isso confirma que as posições que interpelam os sujeitos nos discursos e as formações discursivas nas quais esses sujeitos se inscrevem fazem com que eles qualifiquem o referente de modos distintos e até opostos.

Nas análises feitas, o momento de descoberta ou confissão é inscrito na memória discursiva como traumático por parte das lésbicas, o que fica evidente nas antecipações presentes nos comentários analisados que suscitam, em várias ocorrências, o medo, a dor e

o abandono da não aceitação. Em relação a esse tópico, lembramos Foucault (2014) ao postular que na confissão alguém é investido do poder de aceitar, absolver o culpado, perdoar. Essa é uma memória recuperável em vários pontos no processo de análise.

Já por parte do sujeito que descobre, as regulações parafrásticas que aparecem na memória são, tanto no vídeo, quanto nos comentários, as de que há incongruência entre o natural/normal/aceitável e a lesbianidade, o que, a nosso ver, estabelece os limites de que falamos na análise: a lesbofobia, ou o discurso lesbofóbico, rompe com a pressuposição de um acolhimento ilimitado e ininterrupto por parte daquele que descobre. Aonde a reprodução da heterossexualidade não correspondeu às projeções imaginadas, acontecem ruídos nas relações intrafamiliares também projetadas.

Identificamos que há silenciamento, quando se diz algo para não dizer outra coisa possível de ser dita, mas indesejável (ORLANDI, 2007). Essa forma da política do silêncio é evidenciada na materialidade de inúmeras formas. Pela negação, pela não nomeação do referente, pela caracterização/descrição dada a ele. Além desse, a filha também é silenciada quando a mãe a pressiona dizendo para ela esperar sua morte para viver sua sexualidade, quando, nos comentários, o sujeito antecipa a possível expulsão de casa, quando as antecipações de medo, dor e abandono são impedimentos de ser lésbica para a família. Nesses casos, o interdito, mesmo quando é por antecipação, cria uma barreira que silencia parte da existência subjetiva do sujeito lésbica.

Entender a família como um aparelho ideológico de Estado nos termos de Althusser (1998) tem consequências, fundamentalmente, no que se refere à sua relação com a reprodução/trans formação de um modo de produção, o capitalista. Dito isso, percebemos, nas articulações feitas nesta dissertação entre aporte teórico e análise, que a lesbofobia e o discurso lesbofóbico no interior deste aparelho que, como todos os outros, comporta-se como um palco de disputa, funciona como uma peça na engrenagem de sustentação do capitalismo.

O que nossa pesquisa revela, nesse sentido, é que o AIE familiar, atravessado pela luta de classes e impulsionado por ela, também se configura como palco de disputa para modos de reprodução-trans formação das relações sociais, o que é evidenciado, por exemplo, nas questões que dizem respeito à reprodução de gêneros – masculino e feminino (cisgêneros), sexualidade – heterossexual – e no recorte que deve existir entre cada categoria para que uma não ultrapasse os domínios designados à outra

Nossa análise indica a lesbofobia familiar como um meio de manutenção das ideologias dominantes na medida em que ela se apresenta como resistência às contradições que ameaçam a hegemonia heterossexual. Desse modo, percebemos, a partir da materialidade sobre a qual nos debruçamos que, no âmbito das relações familiares, um discurso lesbofóbico exerce seus efeitos de sentido, mas há também, em contradição, um outro discurso, em ruptura em relação ao discurso lesbofóbico.

Nesse caso, a existência lésbica é, por si só, uma forma de resistência. Além disso, um outro modo de resistência que é evidenciado no material de nossa pesquisa são os processos de ressignificação. A materialidade significativa do vídeo recupera sequências como “nojenta”, “ruim”, “não-natural” etc. Como contraste, temos o nome da banda “Horrorosas desprezíveis”, que profetizam acerca de sua liberdade. Em ambos os casos existe uma tentativa de ruptura de uma memória que marginaliza a lésbica, contudo os processos para isso se dão de formas distintas. Enquanto no vídeo há negação por parte da filha – “não sou nojenta”, “não sou [...] ruim” etc -, no caso do nome da banda há uma assunção de que são “horrorosas” e “desprezíveis”, ou seja, abre-se espaço para a ressignificação via transgressão que, ao mesmo tempo que desestabiliza os sentidos normalmente atribuídos para essas palavras, possibilita o exercício de liberdade e de libertação de algumas das amarras sociais em torno da homossexualidade feminina.

Esta pesquisa instaura uma discussão que ainda precisa de muitas investidas e análises, principalmente por se tratar de um grupo tão heterogêneo quanto o das lésbicas. No entanto, este trabalho se pretende como uma pequena fratura possível nas discussões em torno da lesbofobia no aparelho ideológico de estado familiar. Nesse sentido, as contribuições desta pesquisa nos possibilitam olhar para a família como um espaço de múltiplas possibilidades. O estatuto sacro dado a este AIE embaça os problemas/obstáculos que, como em qualquer espaço, existem e que precisam ser questionados a fim de tirar da margem e trazer para o centro corpos historicamente lateralizados. Não suficiente, é preciso que passemos a considerar a família em sua pluralidade, possibilitando que não somente os modelos cristalizados no imaginário social sejam assimiláveis, afinal, de qual família falamos?

Por fim, buscamos trazer mais perguntas do que respostas e, nesse sentido, há ainda provocações que precisam do nosso esforço enquanto pesquisadoras e pesquisadores. Quais as concepções de família para lésbicas? Buscamos apenas modelos familiares legitimados pelo Estado capitalista? Quais são as problemáticas comuns – no tocante à

família – que atravessam lésbicas e mulheres bissexuais? Como a lesbofobia familiar opera, discursivamente, quando se trata de lésbicas transexuais? Quais os desdobramentos da lesbofobia familiar quando consideramos questões raciais? Como as lésbicas brasileiras sobrevivem, no interior de suas famílias de origem, mediante governos de extrema direita, como é o caso do governo Bolsonaro? Enfim, poderíamos, aqui, discorrer sobre outras tantas perguntas e lacunas que podem ser exploradas e que demandam esforços não somente dos grupos que pertencem às minorias, mas que devem se converter em esforços de toda a sociedade e, em especial, da sociedade brasileira

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa, Portugal: Presença/Martins Fontes. 1998

BORIS, G. D. J. B; CESÍDIO, M. de. H. **Mulher, corpo e subjetividade**: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. Rev. Mal-Estar Subj. v.7 n.2 Fortaleza set. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012>

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. 2020

_____. **Os atos performativos e a constituição do gênero**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Cadernos Pagu, 2018

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. Nélio Schneider. 1ª ed. São Paulo: Boitempo. 2019

FERNANDES, M. Ações lésbicas. In. **História do movimento LGBT no Brasil**. GREEN, J. N. (et. all) (Orgs). 1. Ed. São Paulo: Alameda. 2018

FERREIRA, M. C. L. **O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil**. Letras, (27), 39-46, 2003. Disponível em:< <https://doi.org/10.5902/2176148511896>>

_____. **Análise Do Discurso e suas interfaces**: o lugar do sujeito na trama do discurso. Organon, v. 24, n. 48, 2010

FERREIRA, G.; AGUISKY, B. G. **Movimentos sociais de sexualidade e gênero**: análise do acesso às políticas públicas. Rev. katálysis 16 (2) • Dez 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rk/a/SVpFs5LZPqBdDMxYy5zqzdf/?lang=pt>>

FOCAULT, M. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. Guilhaon Albuquerque. 10ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020

_____. **A ordem do Discurso**. 16ª ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008

FRANCA, M. R. C. **Famílias homoafetivas**. Rev. bras. psicodrama, São Paulo, v. 17, n. 1, p.2133, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100003&lng=pt&nrm=iso>.

GASPARINI, E. N. **A língua na análise do discurso**. Revista da Anpoll, 1(39), 62-68, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.18309/anp.v1i39.904>

GLUCKSMANN, A. **O discurso do ódio**. Rio de Janeiro: Difel, 2007

GREGOLIN, M. do R. V. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. ALFA: Revista de Linguística, v. 39, 1995 - A análise do discurso Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107724>>.

_____. **Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades**. II Seminário de Análise do Discurso (SEAD), UFRGS, Porto Alegre, 2005

GRIGOLETTO, M. **Silenciamento e memória: discurso e colonização britânica na Índia**. Organon, v. 17, n. 35, p. 220-243, 2015. DOI: 10.22456/2238-8915.30026

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F; HAK, T (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ª ed. Campinas, SP: Unicamp

HOCQUENGHEM, G. **El deseo homosexual**. Espanha: Melusina, 2009

JESUS, P. L. C, de; AMPARO, T. M. do. **Alienação Parental e lesbofobia: a constelação familiar como alternativa ao ódio**. Revista de Direito Civil, v. 1, n. 2, jul/dez. 2019

KATZ, J. N. **A Invenção da Hetero Sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.

LEONEL, V. **Lesbofobia**. In: VENTURI, G. BOKANY, V. Diversidade sexual e homofobia no Brasil. (orgs.). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 89 – 96

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

LONGHINI, G. D. N. **Mãe (nem) sempre sabe: Existência de saberes de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2018

MEDEIROS, T. D. de. **A imagem das prostitutas em perfis no caderno Hildas de hoje do jornal Estado de Minas**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. 2018

MODESTO, E. **Mãe sempre sabe? Mitos e Verdades sobre pais e seus filhos homossexuais**. Rio de Janeiro, RJ: Record LTDA, 2008.

_____. **Homossexualidade: Preconceito e Intolerância familiar**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2015

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1987

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Unicamp, 2007

_____. **Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito**. Línguas e Instrumentos Linguísticos – N° 34 – jul-dez 2014

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2015

_____. Maio de 1968. In: **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 2015.

_____. **A Análise do Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil**. In: INDURSKY, F; FERREIRA, M. C. (orgs) Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos, SP: Clara Luz, 2005

OLIVEIRA, D. A. G. de. **O suicídio na comunidade LGBT no Brasil**. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, UFJF, 2018.

Disponível em < <https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/DAIANA-APARECIDA-GOMES-DE OLIVEIRA.pdf> >

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso (1969)**. In: GADET, F. E HAK, T. (orgs.) Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: editora da UNICAMP, ([1969] 1997), p. 61-105

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: editora da UNICAMP, ([1975] 2014)

_____. Papel da memória. In: **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 2015. p. 43-51.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 17.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)** In: GADET, F. E HAK, T. (orgs.) Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: editora da UNICAMP, ([1969] 1996)

PONTES, M. **Sair do armário**. Youtube, 2018. Disponível em <<https://youtu.be/aOyjUhFglcY>>

PRADO, M. A. M; JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia, hierarquização e humilhação social**. In: VENTURI, G. BOKANY, V. Diversidade sexual e homofobia no Brasil. (orgs.). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 51 – 72.

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano: crônicas de travessia**. Trad. Eliana Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: RJ. Zahar. 2020

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas, Natal, n. 5, 2010, p. 17 - 44.

SEDWICK, E. K. **A epistemologia do armário**. Trad. Plínio Dentzien; Revisão: Richard Miskolci e Júlio Assis. Cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007

SCHULMAN, S. **Homofobia familiar**: uma experiência em busca de reconhecimento. Bagoas: n. 05, 2010. p. 67-78. 2011

WITTIG, M. **La Pensée Straight**. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

ZOPPI-FONTANA, M. G. “**Acontecimento, arquivo, memória**”. (30) (2004). 88 - 105

ANEXO



Deus me livre!

SHEIN #SHEINforall **COMPRAR** 

Anúncio br.shein.com

Filme Lésbico Documentário // SAIR DO ARMÁRIO 

14 mil visualizações · há 2 anos 

 636  Não gostei  Compartilhar  Download  Salvar

 **Kinobox LGBT** ♂
93,7 mil inscritos

INSCRITO 

Vídeo disponível em <<https://youtu.be/aOyjUhfGlcY>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2022